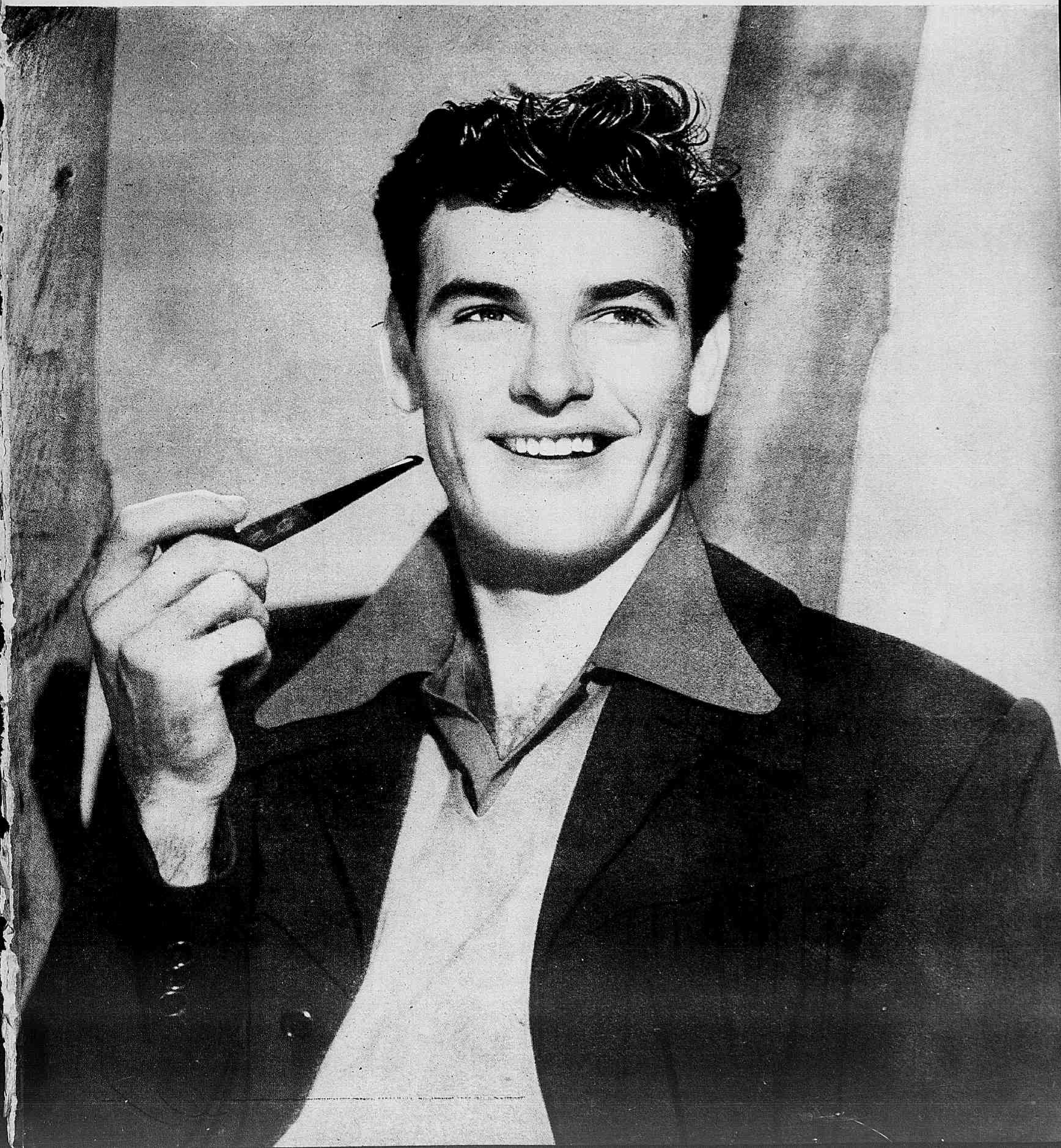
N.º 18 ★ 3-5-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

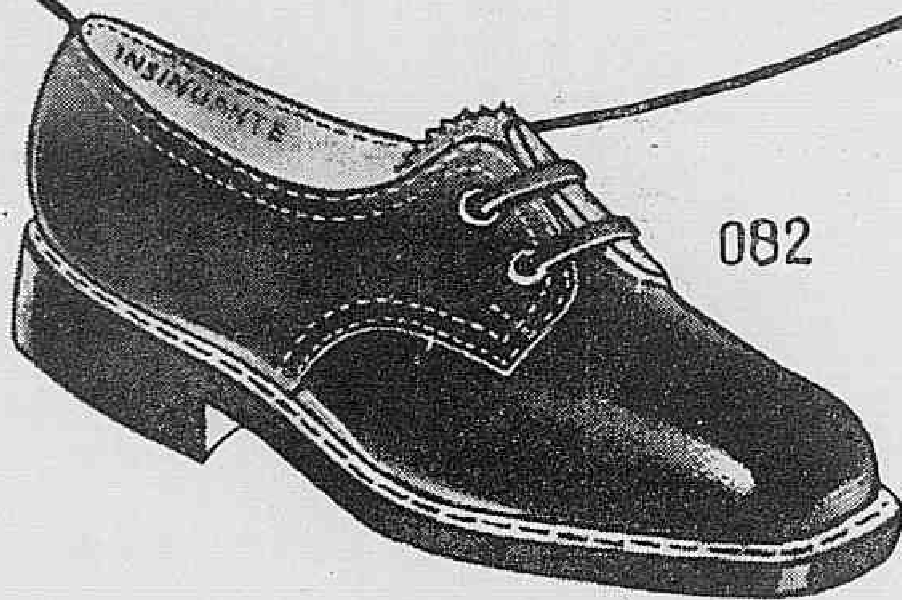
A CENA muda

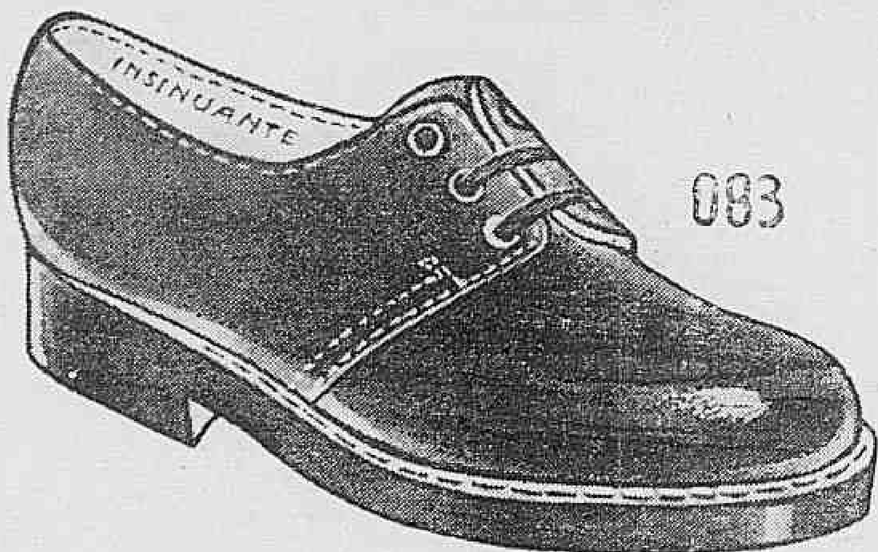
CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES

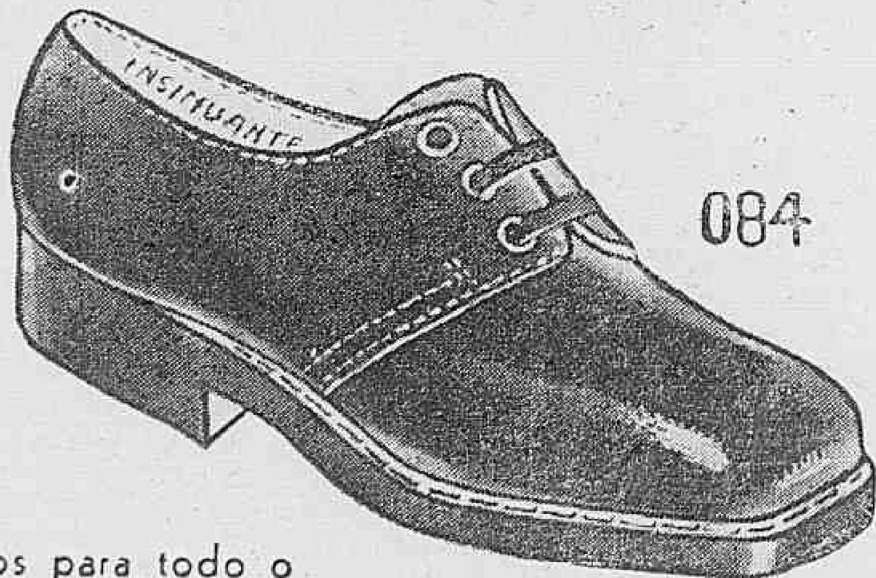


Mande os seus filhos á ESCOLA!









082 — Cr$ 145,00. Ótimo sapato tipo normalista com saltos de borracha e cordonetes de couro. Numeração de 31 a 40.

083 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 135,00, respectivamente de 28 a 32 — 32 a 36 — 37 a 41. Resistente sapato para meninos, rapazes e homens em ótima vaqueta com chapas na biqueira.

034 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 120,00, respectivamente de 28 a 32 — 33 a 36 — 37 a 40. Um sapato 100 % escolar com chapas na biqueira. Forte e resistente.

Cada par de sapatos tem uma surpreza para os seus filhos.

Remetemos para todo o Brasil. Porte Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros) Não fazemos reembolso

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

A CENA Muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 18 ★ 7-5-1951

SUMÁRIO

Carapuças (Leon Eliachar) ... 3
Flashes mundiais ... 4
Quais os melhores de 50? (Enquete, resultado) ... 6
Um lugar ao sol (cine-romance) ... 7
Nelson Gonçalves fugiu do Brasil? (Max Gold) ... 10
Curvas perigosas (enrêdo) ... 12
Fred Zinnemann, diretor de pulso ... 14
Candidate-se ao cinema nacional ... 15
Herrera Filho (A. Migueis) ... 15
Alameda da Saudade, 113 ... 16
Nancy Olson ... 18
Como se faz um Tico-Tico (Foto-reportagem) ... 20
Tocáia (enrêdo) ... 22
Rádio (Armando Migueis) ... 24
Correio do fã ... 27
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) ... 28
Telas da cidade ... 29
Melodias para você ... 31
Arquivo (Brooklyn Jack) ... 32
Música (Oswaldo da Cunha) ... 33
Pausa para meditação ... 34
Opinião alheia ... 34

★

CAPA

James Best

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Enderêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447: Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Enderêço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo: Jarbas de Freitas Galvão

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY

THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



CARAPUÇAS

O Delegado de Costumes e Diversões resolveu tomar medidas mais enérgicas com relação ao comportamento dos espectadores mais levianos que, não raro, freqüentam nossas casas exibidoras. Assim é que faz o seguinte apêlo ao público:

"A Delegacia de Costumes e Diversões esclarece que durante as sessões cinematográficas é inadmissível qualquer perturbação da ordem e tôda falta de respeito ao público. O escárneo, a mofa, a zombaria, a brincadeira mal-sã, a pilhéria de mau teor, a arrogância, o achincalhe que perturbe o silêncio e a paz das sessões cinematográficas, importunando os demais espectadores, constituem contravenção punida com prisão simples, de 15 dias a 2 meses, ou multa de Cr$ 200.000 a Cr$ 2.000,00. Os que desatenderem ao presente aviso serão presos e processados criminalmente. (Ass.) ZILDO JORGE, Delegado de Costumes e Diversões. Aprovo — (Ass.) CIRO REZENDE, Chefe de Polícia."

Finalmente, o policiamento tomou jeito. Já é tempo de certos espectadores tomarem os seus lugares no cinema. Ou na cadeia.

★

Ah! êsse desejo incontrolável de permanecer numa solidão a dois.

★

A coisa mais absurda no mundo cinematográfico do Rio são os ingressos distribuídos, vez por outra, pelas agências de filmes, aos cronistas: "não valem nos dias de estréia, feriados, nem sábados, nem domingos". Ainda bem que a semana tem sete dias. Mas, geralmente, o ingresso só nos chega às mãos no sétimo. Qualquer semelhança com agências vivas ou mortes terá sido mera coincidência. Sai dessa.

★

Por que o braço da poltrona, senhorita, se o meu é muito mais macio e delicado?

★

Multiplicam-se os anúncios coloridos projetados nas telas de alguns cinemas: camisas finas, bebidas leves, lã à prova de baratas, baratas à prova de inseticidas, alumínio que não enferruja, bôlsas com cheque. Ve se te agrada.

★

Frase literária: Quando te vejo, sinto aquela satisfação íntima de quem vai assistir a um desenho animado de Tom e Jerry.

★

"Só levamos para as tabernas as coisas más..." O amigo de Harvey está com a razão. "Minha mãe sempre me aconselhava — é ainda o amigo de Harvey quem fala — é preferível ser simpático, meu filho, do que ser esperto. Eu já fui muito esperto, e só agora vejo o quanto minha mãe estava certa."

Mas os exibidores não tiveram a chance de conhecer a mãe do amigo de Harvey.

★

Ôlho inchado? Oh! essa mania de apalpar as poltronas no escuro.

leon eliachar



YVONNE DE CARLO, a heroína de tantos «tecnicolors» da U.I., é quem aqui vemos recompensando seu belo palomino pelo longo passeio que acabou de dar pelas terras de Kerezeck Jiolkowski, notável escultor de quem se tornou amiga durante as filmagens de «Tomahawk» com Van Heflin

FLASHES

INGLATERRA

GLYNIS JOHNS e BARRY JONES, terão os papeis principais de "Appoitment with Venus", uma comédia de tempo de guerra sôbre a ocupação das Ilhas do Canal. A produtora Betty Box está rodando as cenas de exterior nas Ilhas de Sark.

★

ANDRÉ MOREL, Chefe de Policia em "Seven Days to Moon", desempenhará igual papel em "Secret Plan X 39", que Paul Soskin, está produzindo em Pinewood, Inglaterra. Roy Boulting dirigirá novamente, mas todos os detalhes da pelicula são ainda mantidos no mais completo sigilo.

★

A M. G. M. British Production, levará para a tela "Ivanhoe", de Sir Walter Scott, nos Estúdios Elstree, Inglaterra, ainda na primavera dêste ano.

★

FRANÇA

FALECEU em Paris, aos 61 anos, Aimé Simon-Gerard que, ao tempo do cinema mudo, foi um dos grandes astros do cinema francês. Foi êle um dos inesquiciveis D'Artagnan, nas duas versões realizadas por H. Diamont Berger, da famosa obra de Alexandre Dumas, para o cinema gaulês. Além disso, Aimé Simon-Gerard, teve outros destacados papéis em "*Le vert galant*", "*Mylord L'Arsonille*" e "*Fanfan La Tulipe*".

★

JACQUES SERNAZ, um jovem e promisser ator francês, vem de fazer a "rentrée" nas telas parisienses. Após ter desempenhado vários papéis em numerosos filmes italianos, Jacques voltou novamente à França, onde reiniciará a sua carreira cinematográfica.





O ATOR E ARTISTA, à esquerda, da 20th Century-Fox, mostra a Grace Kelly, que faz de sua espôsa em «Faurteen Hours» algumas de suas canecas com caras de famosos artistas, trabalhadas por êle próprio, e que constituem o seu passatempo favorito. À direita, Shelley Winters, a heroína de «Frenchie» da Universal-International, numa sugestiva pose dêste filme.

MUNDIAIS

TELE-FILM vem de terminar para a televisão uma série de treze pequenos filmes de curta metragem sôbre a vida parisiense, intitulada "Les Folies Parisiennes", que incluem números de música, dança e "sketches" animados por alguns dos maiores nomes de figuras famosas, tais como: Edith Piaf, Suzy Solidor, Anouk Ferjac, Rosine Luguet, Blue Bell Girls, Charles Trenet e vários outros.

★

GEORGES MARSHALL deverá encarnar Robinson Crusoé, famoso personagem do romance de Daniel De Foe, na próxima produção de Jeff Musso para a "Star-Film".

★

"LA VIE COMMENCE DEMAIN" é o titulo de mais uma grande produção francêsa em que são focalizados os nomes de algumas das mais famosas figuras do mundo intelectual da França. Êste filme conta a história de um jovem provinciano que, chegando a Paris e desejando conhecer melhor os problemas de sua pátria resolve fazer uma série de "enquêtes" com alguns dos mais destacados personagens da vida francesa. Vamos encontrar então Jean-Pierre Aumont na pele do jovem provinciano, fazendo entrevistas com André Gide, Darius Milhaud, Le Corbusier, Picasso, Jean Rostand e Jacques Prévert.

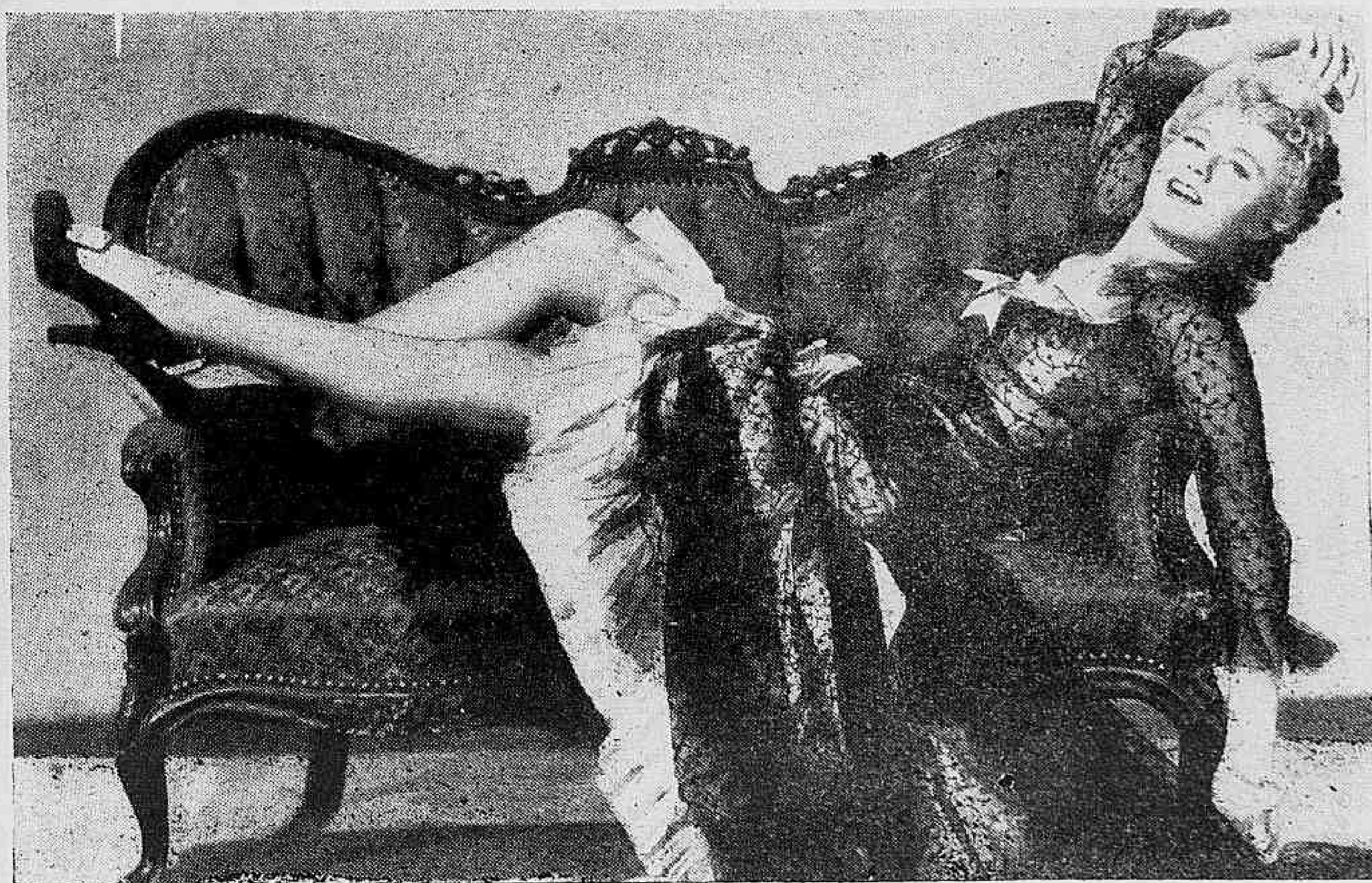
★

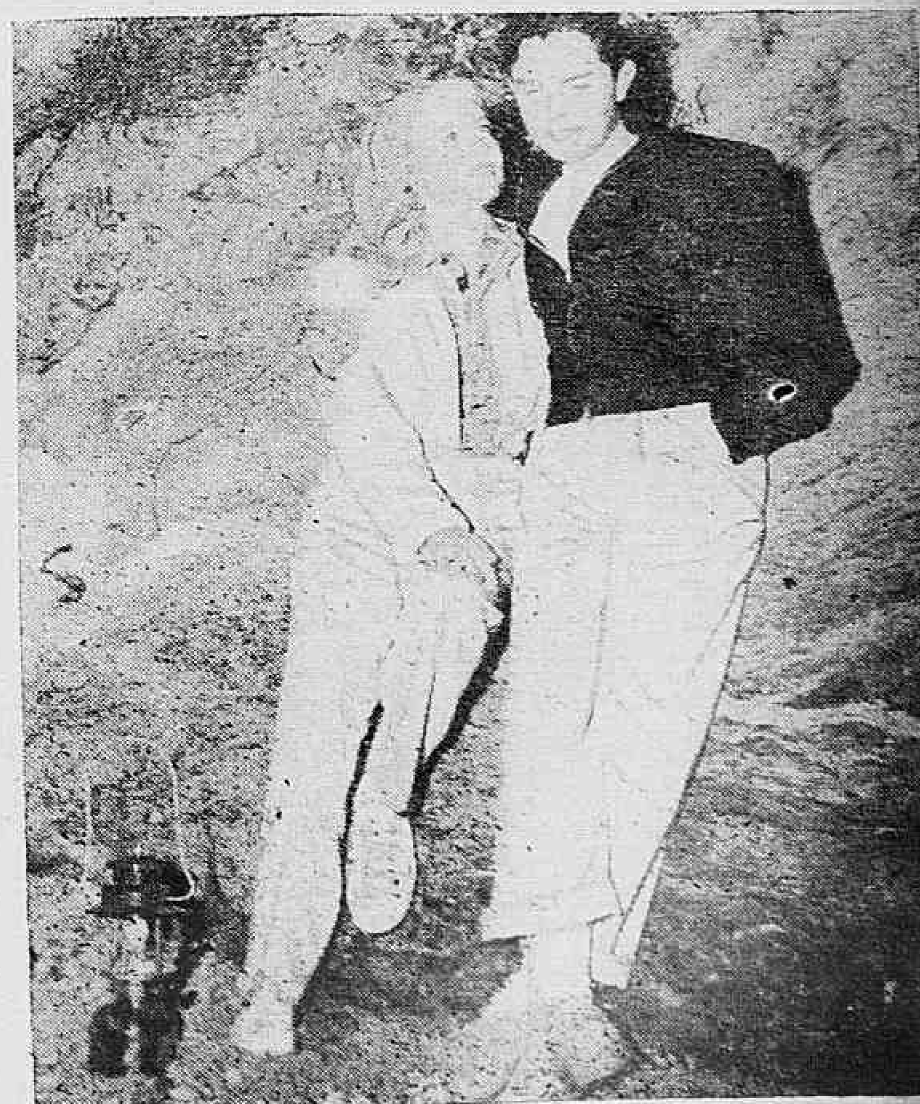
CHRISTIAN-JAQUE vem de anunciar para breve a produção de sua primeira realização em côres para o cinema francês. Trata-se de "O Barba-Azul", que será produzido em "Gevacolor" por P. E. Decharme.

(Cont. na pág. 39)



RICHARD CONTE, que depois de suas «performances» em «The Sleeping City» e «Under the Gun» tornou-se um dos favoritos do público feminino, aparecerá novamente num importante papel dramático em «Fiddler's Green», uma nova produção que nos trará também a encantadora Peggy Dow, num papel também de destaque.





TOM EWELL e **DAVID WEYNE**, são os principais intérpretes de «Up Front», uma comédia satírica da U.-International, baseada nos famosos «cartoons» de Bill Mauldin, que focaliza os conhecidos «G.I.». A direita Jack Buetel, o companheiro de Jane Russell em «O Proscrito», num flagrante com sua espôsa Jane, quando filmava para a R.K.O., o «tecnicolor» «Best of the Badmen», com Robert Ryan e Claire Trevor.

enquete de A CENA entre seus leitores

QUAIS OS MELHORES DE 50?

RESULTADO FINAL:

Tão volumoso foi o número de cartas que nos chegaram às mãos que difícilmente poderíamos publicar a relação completa dos votantes — dada a exiguidade de espaço de que dispomos para tal fim. Pedimos desculpas aos nossos leitores pela demora, pois pretendiamos apurar até a última carta, estabelecendo assim, uma média exata da opinião de nossos leitores. Infelizmente, não nos foi possível também dar a apuração geral, senão até a quinta colocação, pelo mesmo motivo. Assim, aí está o resultado. E até para o ano.

ESTRANGEIROS

Filmes

"Ladrões de Bicicletas"	280	votos
"Tarde de mais"	146	"
"A Grande Ilusão"	132	"
"Mercado de Ladrões"	89	"
"À Margem da Vida"	78	"

Diretores

Vittorio de Sica (Ladrões de Bicicletas)	183	votos
Jules Dassin (Mercado de Ladrões e Sombras do Mal)	154	"
John Cromwell (À Margem da Vida)	119	"
John Huston (O Segrêdo das Jóias)	98	"
William Wyler (Tarde de mais)	71	"

Atores

James Cagney (Fúria Sanguinária)	318	votos
Laurence Olivier (Henrique V)	234	"
Broderik Crawford (A Grande Ilusão)	84	"
Lamberto Mangiorani (Ladrões de Bicicletas)	60	"
Tyrone Power (Rosa Negra)	35	"

Atrizes

Olivia de Havilland (Tarde de mais)	341	votos
Eleanor Parker (À Margem da Vida)	297	"
Claudete Colbert (Homens que foram feras)	81	"
Ana Magnani	32	"
Viveca Lindfors	9	"

Coadjuvantes masculinos

Sam Jaffe (O Segrêdo das Jóias)	117	votos
José Ferrer (Joana D'Arc)	89	"
Ralph Richardson (Tarde de mais)	88	"
Enzo Staiola (Ladrões de Bicicletas)	21	"
Raymond Massey	9	"

Coadjuvantes femininos

Hope Emerson (À Margem da Vida)	150	votos
Mercedes Mc Cambridge (A Grande Ilusão)	103	"
Judy Holliday (A Costela de Adão)	98	"
Renée Acherson (Henrique V)	15	"
Miriam Hopkins (Tarde de mais)	14	"

Fotógrafos

Max Greene (Sombras do Mal)	71	votos
Gabriel Figuerôa (Enamorada)	65	"
Ted Mc Cord (Êxito Fugaz)	40	"
Harold Rosson (O Segrêdo das Jóias)	27	"
Charles B Lang Jr. (Zona Proibida)	13	"

Partituras

Franz Waxman (Sombras do Mal)	115	votos
Max Steiner (À Margem da Vida)	97	"
Alessandro Signorini (Ladrões de Bicicletas)	55	"
Miklos Rozsa (O Segrêdo das Jóias)	51	"
Aaron Copland (Tarde de mais)	32	"



NACIONAIS

Filmes

"Caiçara"	351	votos
"A Sombra da Outra"	274	"
"O Pecado de Nina"	86	"
"Carnaval no Fogo"	57	"
"Caraça"	32	"

Diretores

Watson Macedo (A Sombra da Outra)	298	votos
Adolfo Celi (Caiçara)	231	"
Eurídes Ramos (Pecado de Nina)	48	"

Atores

Anselmo Duarte (A Sombra da Outra)	462	votos
Abílio Pereira de Almeida (Caiçara)	81	"
Gilson de Paula (Caraça)	65	"
Cyl Farney (O Pecado de Nina)	40	"

Atrizes

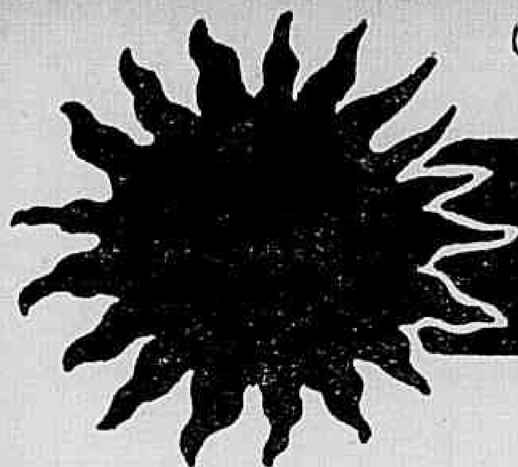
Eliane Lage (Caiçara)	358	votos
Fada Santoro (O Pecado de Nina)	271	"
Eliana (A Sombra da Outra)	234	"

Fotógrafos

Chick Fowle (Caiçara)	116	votos
Edgard Brasil (A Sombra da Outra)	112	"
Hélio Barroso Neto (O Pecado de Nina)	57	"
Rui Santos (Estrêla da Manhã)	55	"

Partituras

Francisco Mignone (Caiçara)	184	votos
Lyrio Panicalli (A Sombra da Outra)	177	"
Radamés Gnatali (Estrêla da Manhã)	153	"



CINE-ROMANCE

UM LUGAR AO SOL

Êle tinha dois amôres. Um era um sonho; o outro um pesadelo.

O sonho era Ângela Vickers. Desde o primeiro momento em que George lhe dirigiu os olhos, quando fazia a primeira visita à mansão de seu tio, sentiu que a amava.

Semanas depois êle podia fechar os olhos e inebriar-se de prazer ao recordar os mínimos detalhes de suas feições. Falava-se muito e alegremente sôbre a nova casa de verão dos Vickers em Bride's Lake. Então os jovens se retiraram. George ficou sòzinho com o rico e bem intencionado irmão de seu pai, e um tio um tanto ou quanto exquisito para êle.

Era bem compreensível que Tia Louise não se alegrasse com a chegada na cidade de um parente pobre. O filho de um Eastman que preferira dedicar a sua vida a u'a missão ao invés de construir moinhos lucrativos. George viera de Chicago, apanhando caronas na estrada ou viajando como clandestino em trens de carga, para pedir um emprêgo ao seu tio Charles. Gastara os últimos trinta dólares que possuía na compra do terno que usava. Trinta dólares mal seriam o bastante para comprar um *bouquet* de flores para Ângela Vickers.

Delicadamente, respondeu as suas perguntas sôbre a missão, sôbre a sua dedicada e ao mesmo tempo incompreensível mãe, que continuara o trabalho do marido, depois de seu falecimento.

— Veja Earl na fábrica, amanhã de manhã — disse o tio Charles.

— Muito obrigado — agradeceu George, sinceramente. A visita estava terminada.

O primo Earl lhe deu um emprêgo no departamento de empacotamento, onde êle conheceu outra moça, por quem o seu coração começou a pulsar mais violentamente. Alice Tripp trabalhava de frente para êle e fingia não o notar, mas os olhares furtivos, partido de seus olhos semifechados, tocava o âmago da alma de George.

Uma noite o seu tio deu uma grande festa em sua mansão e George se aproximou da cêrca para entrar. Não se espantou nem se sentiu magoado em não ter sido convidado. Compreendia que não passava de um parente pobre, de um pobre diabo. Os carros corriam velozmente, parando na porta da mansão, de onde saiam pessoas alegres e descuidadas. Depois de um momento, George pensou no contraste existente entre êle e aquelas pessoas. Êle, triste e só. E os seus tios, alegres, sorridentes, ricos... Não mais suportou o espetáculo que se descortinava diante de seus olhos e mergulhou na noite. Cansado de estar só e procurando evitar de pensar em si mesmo, entrou num cinema.

Na fileira da frente viu Alice Tripp, a mocinha que trabalhava com êle no departamento de empacotamento. Ela o viu e lhe sorriu. George passou para a fileira da frente, sentou-se ao seu lado e murmurou:

— Que mundo pequeno!

— Nunca pensei nisso até agora — Alice respondeu.

Depois, ela deixou que êle a acompanhasse até a casa. A sua senhoria não gostava de visitantes masculinos, temendo prejudicar a reputação de sua pensão. Os dois caminhavam vagarosamente. George lhe perguntou o que fazia aos domingos. Nadava?

— Não sei nadar — respondeu Alice. — Nunca aprendi. Quando era garôta eu tinha mêdo do poço dos patos.

Quando George lhe perguntou onde morava, ela disse que morava numa fazenda. Sorrindo desajeitadamente, acrescentou: — Sabe de uma coisa? As moças vão dizer que eu estou tentando conquistar o sobrinho do patrão!

— Isto é bobagem. Estou na mesma situação do resto de vocês.

★

Êle trabalhava nos moinhos há três meses, e continuamente estudava como tornar o negócio mais eficiente, quando novamente viu Ângela. Foi apenas um olhar rápido, enquanto ela estava atrás do volante de seu conversível. Alice estava com êle e reparou na transformação que se verificou em seu rosto. Reparou o olhar embevecido que êle dirigiu à moça. Quando êle se virou, ela havia desaparecido.

Fizera bastante economia para comprar um velho carro de segunda mão. Êle e Alice, sempre que podiam fugiam da cidade e passavam alguns momentos agradáveis nos cafés da estrada. Alice compreendia tudo sôbre os seus ricos parentes.

Gradualmente, à medida que os dois se tornavam mais íntimos, mais George desgostava os encontros nos cafés, cheios de gente. Por isso, numa noite chuvosa, Alice deixou que êle fôsse ao seu quarto. Tocando o rádio baixinho, para que a senhoria não desconfiasse de nada, os dois dançavam.

— Você é a única pessoa que jamais entrou aqui — ela murmurou. — O único rapaz.

— Era assim que deveria ser — disse George, enquanto a conduzia através do quarto, aos sons de uma rumba.



A felicidade transformava a vida de George e de Angela num verdadeiro sonho.

— Era assim que tinha de ser. Oh, George. . George... — os seus lábios se juntaram...

De madrugada, quando êle finalmente deixou o quarto de Alice, a chuva tinha parado...

Pouco depois daquela noite, tio Charles lhe disse que o trabalho no departamento de empacotamento havia melhorado considerávelmente e que êle seria melhorado. Para celebrar o acontecimento ainda o convidou para ir a sua casa no sábado, quando seria dada uma festa.

Apenas assim, fàcilmente, a vida começou a mudar. Sábado, era o aniversário de George. Alice pensara numa festinha — apenas para os dois. George lhe disse que não demoraria na festa mais do que o necessário. Mas, Ângela estava na festa.

George a viu pela primeira vez enquanto ela dançava. Como lhe parecesse tão remota e quase inacessível, êle se dirigiu para o salão de bilhares. O seu tio estava ali, ligeiramente dominado pelos Martinis.

Depois que seu tio se retirou, George começou a fazer pequenos truques no bilhar. Repentinamente, compreendeu que não estava só. Ângela estava parada, olhando-o, no humbral da porta.

— Acaso o faço nervoso? — perguntou. George não respondeu e ela continuou: — Você parece com um Eastman. Parece fora do comum...

George deixou o taco de lado. Logo chegou o seu tio, alegremente ordenando-lhe que telefonasse para a sua mãe para dar a notícia. Em seguida, Ângela levou-o para o salão.

Assim, era muito tarde quando êle entrou no modesto quarto de Alice. Começou a desculpar-se. Ela o interrompeu, desesperadamente: — *"Três horas!"*

— Não pude retirar-me. Êle está ajudando-me, Al.

— Pelo menos você podia ter telefonado — ela disse tristemente. — O seu presente está no prato — então ela começou a chorar.

George pôs os seus braços em redor de Alice e tentou pedir-lhe desculpas, mas ela estava muito sentida.

— Não sei por que você não poderia ter-lhes dito que tinha um encontro! — exclamou ela finalmente.

— Oh, por favor, Al! — George tentou acalmá-la. — Eu não lhes poderia ter falado a seu respeito. As coisas agora são diferentes. Sou o chefe de um departamento. Se a minha família descobrisse...

Sem saber, George se acovardava.

— Oh, George, é terrível! — as lágrimas caíram mais ràpidamente. — Tenho tanto mêdo!

Alguma coisa tocou o seu coração, gelando-o. Alguma coisa chamada terror.

— *Por que você diz isso?* — perguntou êle.

— Lembre-se de quando você me disse... se resultasse em alguma complicação... você não me desapontaria. Você prometeu! Agora terá de ficar comigo. Você ficará, não ficará, George?

Título original:

A Place in the sun

ELENCO:

George Eastman ...	**Montgomery Clift**
Angela Vickers ...	**Elizabeth Taylor**
Alice Tripp	**Shelley Winters**
Hannah Eastman ..	**Anne Revere**
Marlow	**Raymond Burr**
Charles Eastman ...	**Hebert Heyes**
Mrs. Louise Eastman	**Kathryn Givney**
Earl Eastman	**Keef Brasselle**
Marcia Eastman ...	**Lois Chartrand**
Anthony Vickers ...	**Shepperd Strudwick**
Mrs. Vickers	**Frieda Inescourt**

Um filme da Paramount — Produzido e dirigido por George Stevens — Cenário de Michael Wilson e Harry Brown — Baseado numa novela por Theodore Dreiser.

Durante as próximas semanas, o terror se apossou de George. Alice estava constantemente ausente de seu lugar na linha de trabalho, doente de mais para trabalhar.

O terror parecia desaparecer sòmente quando êle estava com Ângela e os dois agora passavam o maior tempo que podiam juntos. Ela veio apanhá-lo para o levar a uma festa na casa da prima Márcia, que só pensava em festas. Mas seus pensamentos estavam todos voltados para as férias que passaria em Bride's Lake.

— Vai ser um verão tão delicioso. Você sabe montar? Nós temos três cavalos no lago. Quando você nos fôr visitar...

— Você esquece de uma coisa. Eu trabalho na fábrica e não posso sair — George sentiu-se, repentinamente, prêsa de um temor e, audaciosamente, exclamou: — Eu a amo, Ângela.

— Sinto a mesma coisa — ela sussurrou. — E' um sentimento maravilhoso!

O seu rosto se retorceu.

— Maravilhoso agora. Mas o que será na próxima semana? Durante todo o verão, enquanto estiver na fábrica, não a verei?

Ângela sorriu:

— Mas, você irá ver-me! Ou eu poderia vir aqui. Daremos um jeito. Sòmente nós dois.

Um momento depois, Ângela estava em seus braços. Pela primeira vez, no êxtase do beijo apaixonado, êle pensou: — *"Se pelo menos Alice não existisse."*

★

Mas George tinha de enfrentar o problema. À noite, procurava o nome de todos os médicos das cidades vizinhas, tirando do catálogo telefônico e na sua folga levava-a de consultório em consultório. Mas não adiantava. Todos êles se recusavam a provocar um abôrto.

Cada vez ela ficava mais pesada. Os dois se tornaram irritadiços. Finalmente, ela externou o que ambos sabiam que ela estava pensando:

— George, você tem de casar-se comigo! Com futuro ou sem êle!

— Mas, não temos dinheiro algum! Quando isso fôr conhecido perderei o emprêgo.

Mas Alice estava desesperada.

— Você está simplesmente tentando ganhar tempo!

— Não estou, Al. Estou pensando. Quando eu tirar minhas férias, na primeira semana de setembro, talvez possamos ir passar alguns dias num lugar e...

— Está bem — ela concordou. — Então nos casaremos.

Era o veredicto do destino, destruindo todos os sonhos de George.

Mas quando sétembro chegou o seu tio Charles levou-o para Bride's Lake, para passar alguns dias com os Vickers. O tio Charles estava satisfeito com o sobrinho e pensava em colocá-lo na administração da fábrica. Ângela também lhe pediu para ir e George não teve outro remédio senão aceitar. Explicou a Alice que seu tio desejava levá-lo a Bride's Lake e ingênuamente ela lhe deu mais uma semana de prazo.

Apesar do estado de espírito em que se encontrava, George e Ângela andaram a cavalo, e de barco. Nadaram e sorriram. George tinha uma suspeita de que a senhora Vickers o convidara apenas porque supunha que Ângela se cansaria dêle. Mas tal não aconteceu. Ao contrário, o seu amor recrudesceu.

Uma tarde os dois cavalgaram para a Loon Lake. Ângela trazia um "maillot" sob a roupa e mergulhou na água gelada. George retirou duas enormes toalhas da bôlsa da sela e esperou até que ela veio correndo em sua direção. George levantou-se e envolveu-a com a toalha.

— E' o lago mais frio que já vi — disse.

— Então por que você gosta tanto de tomar banho aqui?

— Porque é o meu lago. Descobri a trilha que dá aqui quando tinha quatorze anos. Ninguém mora aqui. Existe uma cabana desmoronada no outro lado e alguns botes. Dizem que é assombrada, especialmente ao pôr-do-sol. Desde o afogamento...

— O afogamento? — perguntou George estranhamente.

— Um rapaz e u'a moça... no verão passado... Creio que o bote virou... sòmente cinco dias depois encontraram o corpo da moça... êle nunca foi encontrado...

Uma estranha idéia penetrara no cérebro de George. A idéia o atormentava e êle virou-se para Ângela.

— Você é a única pessoa que existe para mim — disse. A idéia retrucou: *"E então?"*



Alice logo se apaixonou por George e dêle concebeu um filho ilegítimo.



Mas logo surgiu Angela e George também por ela se apaixonou.

À noitinha continuou a atmosfera de felicidade que envolvera o dia. O tio Charles chegou e se mostrou satisfeito e bastante cordial. Os pais de Angela pareciam estar perdendo o olhar cauteloso e hostil.

— Meu filho, — disse o tio Charles, — quero que você saiba que me orgulho de você, pela maneira como está indo. Tony Vickers é um dos melhores e mais importantes homens do país e é muita felicidade sua ter a sua amizade. Espero que você compreenda iss .

— Compreendo sim, senhor — George fixou os olhos no rosto do tio. — O senhor não sabe o quanto me tenho esforçado para justificar a confiança que tem demonstrado em mim.

Charles Eastman sorriu.

— Você é um jovem que sabe conhecer pessoas e como tratá-las. Aliás, tenho até pensado em um lugar para você lá... conosco... na administração — êle chamou o pai de Angela: — Tony, talvez fôsse melhor levarmos George conosco, amanhã. Há algumas pessoas no clube que eu gostaria que êle...

— Oh, não senhor! — desafiou Angela, sorrindo. — Há uma competição de "ski"-aquático amanhã e George é o meu "chauffeur". E essa é a última palavra no assunto.

Ainda discutiam amàvelmente quando entrou uma empregada, com a extensão do telefone. O chamado era para George. No momento em que reconheceu a voz de Alice o seu coração gelou de mêdo.

— Está ouvindo-me? — ela perguntou. — Você mentiu, George... pela última vez — ela vira o seu retrato no jornal, alegremente ao lado de Angela. Sabia que não era ao tio que êle visitava. — Venha apanhar-me, George.

— Seria muito difícil... agora mesmo — implorou êle.

— *Agora*, George. Estou no ponto do ônibus. Se você não estiver aqui dentro de meia hora, eu irei aonde você está. Direi tudo.

Êle a ouviu desligar o telefone. Segurando o telefone junto ao ouvido disse, com falsa determinação:

— Irei imediatamente — George encarou a Sra. Vickers desajeitadamente. — E' u'a amiga de mamãe. Disse-me que ela não está passando bem. Devo ir a casa. Creio que tomarei um avião agora à noite.

O sonho terminara. Novamente era o pesadelo que o dominava.

★

Êle encontrou Alice esperando-o, como dissera, no ponto de ônibus de Bride's Lake. O seu rosto era uma máscara estólida ao soerguer os olhos para saudá-lo.

— Você não estava com a sua família. Encontrava-se com Angela Vickers. Bem, para mim já chega de esperar. Você vai casar-se comigo. *Amanhã*. Em caso contrário... escreverei uma carta para o jornal e me matarei.

— Não fale dêsse modo — disse George àsperamente.

A voz de Alice tremia de raiva.

— Amanhã iremos a Warsaw e nos casaremos.

Os dois passaram a noite num hotel inferior. Um pouquinho antes de sair, George roubou as fichas de registro. Nada ficou para provar que os dois haviam dormido ali.

A pretoria de Warsaw estava fechada. Era o *Dia do Trabalho*, dizia um pequeno cartaz na porta.

Alice leu o cartaz, espantada.

— Um dia não fará diferença alguma — disse George ao seu lado. — Escute, sei onde tem um maravilhoso lago. Lá também tem uma cabana. Podemos dormir lá. Al, não briguemos mais. Pode ficar certa de que não a deixarei na mão. Vamos tentar fazer com que dê certo, sòmente isso agora me interessa.

O sol já descambava no horizonte, encolhendo-se por detrás dos serrotes quando os dois avistaram o lago de Angela. George sentia-se como se mãos invisíveis o estrangulassem. Alice, lembrou-se de quando era garotinha e tinha uma boneca. Mas um dia a boneca, que era o seu orgulho, caiu e se quebrou. Os seus olhinhos se encheram de lágrimas ao recordar como era bela a boneca. Sentiu a mesma emoção agora. A decepção também era a mesma.

Repentinamente, o motor do carro engasgou. Em seguida, tossiu asmàticamente e George deixou que êle morresse.

— Deve estar faltando gasolina — disse êle, abrindo a porta e saindo para examinar o tanque.

— E' muito longe a cabana? — perguntou Alice, inocentemente.

— E' perto. Nós desceremos, alugaremos um bote e faremos o nosso piquenique. Mais tarde posso conseguir uma lata de gasolina e voltaremos para o carro.

Para alugar um bote, George tinha de assinar um cartão e para isso êle escreveu ràpidamente o nome de Gilbert Edwards. Alice já estava sentada na prôa.

Os últimos raios de sol se refletiam na água do lago e o fulgor do crepúsculo se refletia no rosto de Alice, parecendo simpatizar com o seu sofrimento. George remava silenciosamente. Finalmente, Alice quebrou o silêncio.

— Isso é tão calmo — ela suspirou, procurando enganar a si mesmo, querendo acreditar que George a tomaria como espôsa e os dois viveriam felizes. Mas, coitada, estava apaixonada! — Parecemos ser as duas únicas pessoas do mundo. Ah, isso seria bom! Você não acha? Eu bem que gostaria de morar numa casinha que sòmente abrigasse nós dois.

Alice notou a sua expressão contraída e perguntou se êle se sentia bem.

— Estou apenas com falta de ar. Não estou acostumado a remar — respondeu êle.

Ela sorriu-lhe carinhosamente.

— Descanse. Nós podemos... *Olhe atrás de você!*

O mêdo fêz com que George virasse o rosto. Mas era apenas a primeira estrêla que surgia no céu. Alice olhou-a e perguntou a si mesma se as estrêlas também são como as coisas do mundo: Tremeluzem, tremeluzem e, no fim, não têm brilho algum, quando a gente se aproxima para examinar de perto. Parece que o sentimento tocou George.

— Al... — êle balbuciou. — Lamento muito. Mas ficarei com você.

— Eu sei que ficará — ela redarguiu, reclinando-se no bote. — Eu o amo muito, George. Eu lhe direi o que desejei, ao fixar os olhos naquela estrêla. Desejei que você me amasse de novo...

George não poderia responder coisa alguma. Mas apertou o remo fortemente.

— Nós poderemos fazer com que tudo corra normalmente. Podemos ir para outra cidade. Apenas espere! Você se estabelecerá depois de algum tempo e aprenderá a ficar satisfeito. Ao invés de morrer de trabalhar para conseguir coisas que não poderá ter. Afinal, são as pequenas coisas que tornam a vida interessante. Claro que teríamos de raspar o fundo da panela e economizar. Mas eu não tenho mêdo de ser pobre.

— *Pare com isso!* — gritou êle fechando a mão. — *Pare com isso*, Al.

Alice se ergueu imediatamente.

— Que você desejou? George, você desejou que eu estivesse em algum lugar onde você nunca me visse novamente! Não é verdade, George?

— Deixe-me em paz — êle recostou o rosto no remo.

— Pobre George. Sei que isso não é fácil para você — compadeceu-se. Levantou-se impulsivamente e George gritou. Sùbitamente, os dois caíram na água gelada. O barco, virando, fê-la desaparecer.

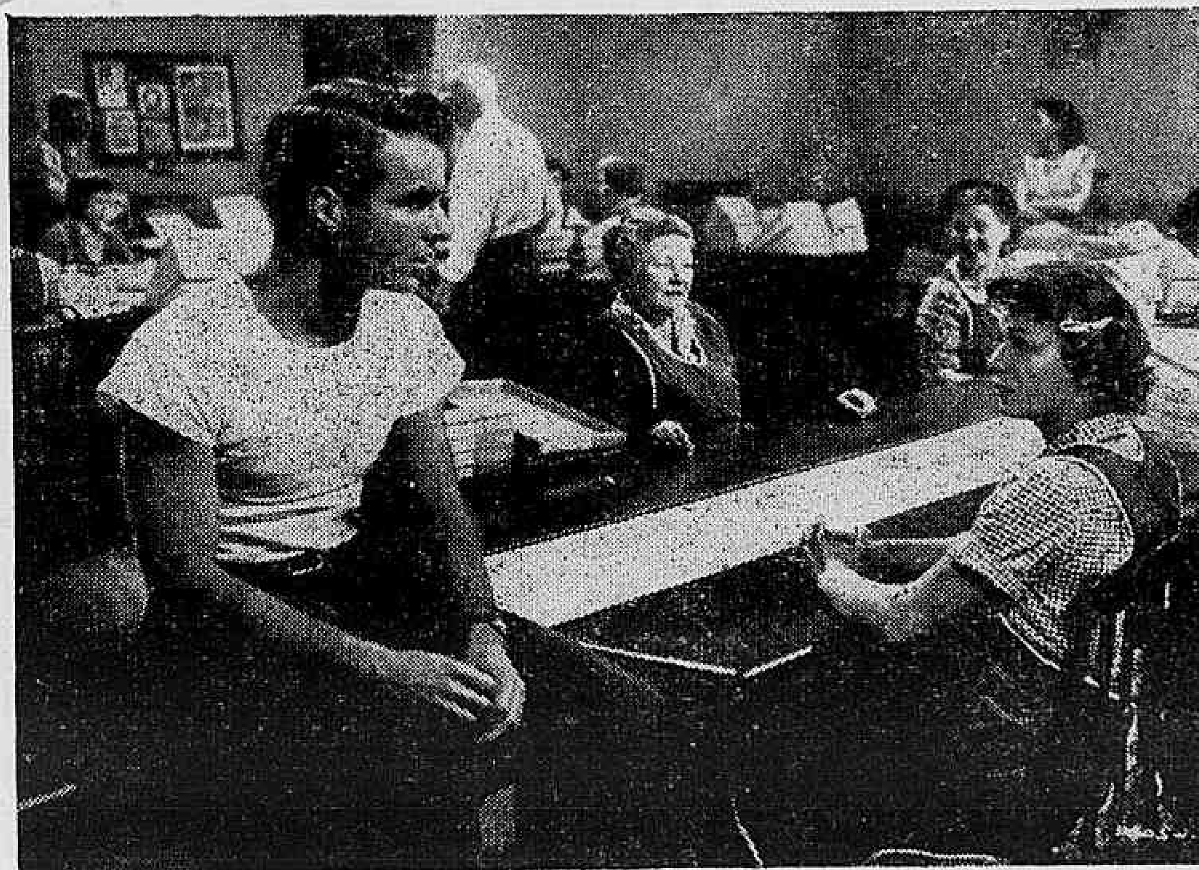
Quando George emergiu, sentiu-se indeciso. Parecia ter emergido das trevas, entrando num mundo de luz. Acaso deveria procurá-la e voltar à escuridão?

Gritou pelo nome de Alice. Não teve resposta. Nadou até ao bote. Nada. O lago parecia vazio.

O tempo parecia uma eternidade. Então George se arrastou para a margem. Mergulhou na floresta. A luz de vez em quando rompia as trevas, que já haviam encoberto a região, através das copas das árvores, projetando raios prateados.

Procurando a estrada, George se encontrou com três caçadores. Indicaram-lhe o caminho da estrada. Logo depois êle estava atrás do volante de seu carro. Havia bastante gasolina no tanque! Êle não queria que vissem o seu carro.

(Cont. na pág. 30)



O jovem queria dinheiro, um lugar ao sol, e não hesitou em planejar o assassínio de Alice...



Por que deveria ser julgado: Ato ou idéia? Alice morrera por acidente ou fora assassinada?



A notícia repercutiu como uma bomba: "Nelson Gonçalves sumiu do cenário artístico nacional" E ajuntavam: com êle foi também Lourdinha Bittencourt. Que teria acontecido? Teria o cancioneiro romântico fugido por complicações amorosas? Ou haveria algo de mais grave?

Debatíamo-nos nesta dúvida, quando topamos com o Borreli Filho, chefe de divulgação da Mayrink Veiga e grande amigo do cantor, que nos esclareceu tudo.

— "Nada disso, velhinho. O Nelson embarcou com a Lourdinha em viagem de caráter artístico. Trata-se de uma "tournée" pélas Américas e que começou pela Argentina.

Nelson e Lourdinha embarcaram no dia 6 de abril e já estão atuando com grande êxito numa rádio e "boite" de Buenos Aires, onde, aliás, já estêve há pouco tempo. Bem depois, irão à Montevidéu e daí, num longo pulo, a Havana, a bela capital de Cuba.

Na terra da rumba e do mambo terão oportunidade de fazer uma bela propaganda do Brasil e das nossas músicas e, inclusive, aparecerão na televisão cubana. De Havana à Miami, não chega a ser um pulo, é apenas um passo. E lá, nos Estados Unidos, Nelson cantará em "boites" e talvez faça cinema.

Sim, não se espante, Nelson Gonçalves preparou-se para esta eventualidade muito bem. Aqui no Rio, êle estêve últimamente atuando em teatro, não só como cantor, mas também como ator. Foi um osso duro de roer, mas o rapaz tinha fôrça-de-vontade e quase quebrou as costas, mas conseguiu segurar os diálogos e dizer suas "falas" quase sem precisar do ponto".

Tinhamos ido buscar uma informação com o Borrelli e o rapaz acabou nos dando uma entrevista, botando os pingos nos "ii". Êste Nelson Gonçalves é mesmo um sujeito afortunado. Além de ter

Últimas fotos antes da «fuga». Um chamado misterioso desencadeou a série de acontecimentos...

Nelson Gonçalves fugiu do Brasil?



Não conseguiu mais voltar à tranquilidade... Nem a leitura conseguia atraí-lo...



Tomou a decisão... Preparou tôda a papelada despediu-se dos amigos...

uma pequena infernal, ainda tem amigos do quilate do Borrelli.

Realmente, Nelson alcançou uma situação invulgar no rádio, tea ro e discos nacionais, mas lutou muito por isto e sem desfalecimentos, principalmente se atentarmos que o seu inicio foi bem humilde.

Ao contrário do que muita gente pensa, êle nasceu no Rio Grande do Sul e não em São Paulo.

Foi, porém, para São Paulo aos dez anos e lá cresceu e se tornou homem. Considera-se por isto, gaúcho de nascimento, paulista naturalizado e carioca de coração.

Após aquêle periodo em que aprendemos matemática para contar o dinheiro para a entrada do cinema e quebrar o número exato de vidraças do vizinho, Nelson começou a trabalhar. E seu primeiro emprêgo foi como engraxate, mas não gostou da história de ficar aos pés de todo o mundo, revoltou-se e resolveu esmurrar a cara dos outros, foi ser "boxeur".

Perambulou por outras atividades e, finalmente, resolveu ser "bar-man" num buteco, do qual depois tornou-se proprietário. Dai a sua facilidade em preparar cocktails dos mais originais para os amigos que o visitam.

Mas, acontece que seu irmão Quincas Gonçalves, apesar de são brasileiro como êle, aparecia como um dos maiores cantores de fado de São Paulo. Nelson, então resolveu que êle também deveria cantar.

Os amigos consideraram a sua resolução como uma grande piada e os risos espoucaram quando êle comunicou sua decisão.

Mas, mercê de sua enorme fôrça-de-vontade, êle venceu e cantou em diversas emissoras de São Paulo. Foi Carlos Galhardo que o ouvindo cantar, promoveu a sua vinda ao Rio com um contrato com a Mayrink Veiga. Contrato enorme, pois Nelson recebia Cr$ 600,00 mensais. Mas êste ordenado foi subindo até chegar em 1944 a Cr$ 5.000,00.

Ai entraram em cena os discos e "Renúncia" projetou seu nome no cenário artistico nacional. Foi

(Cont. na pág. 26)



Lourdinha Bitencourt

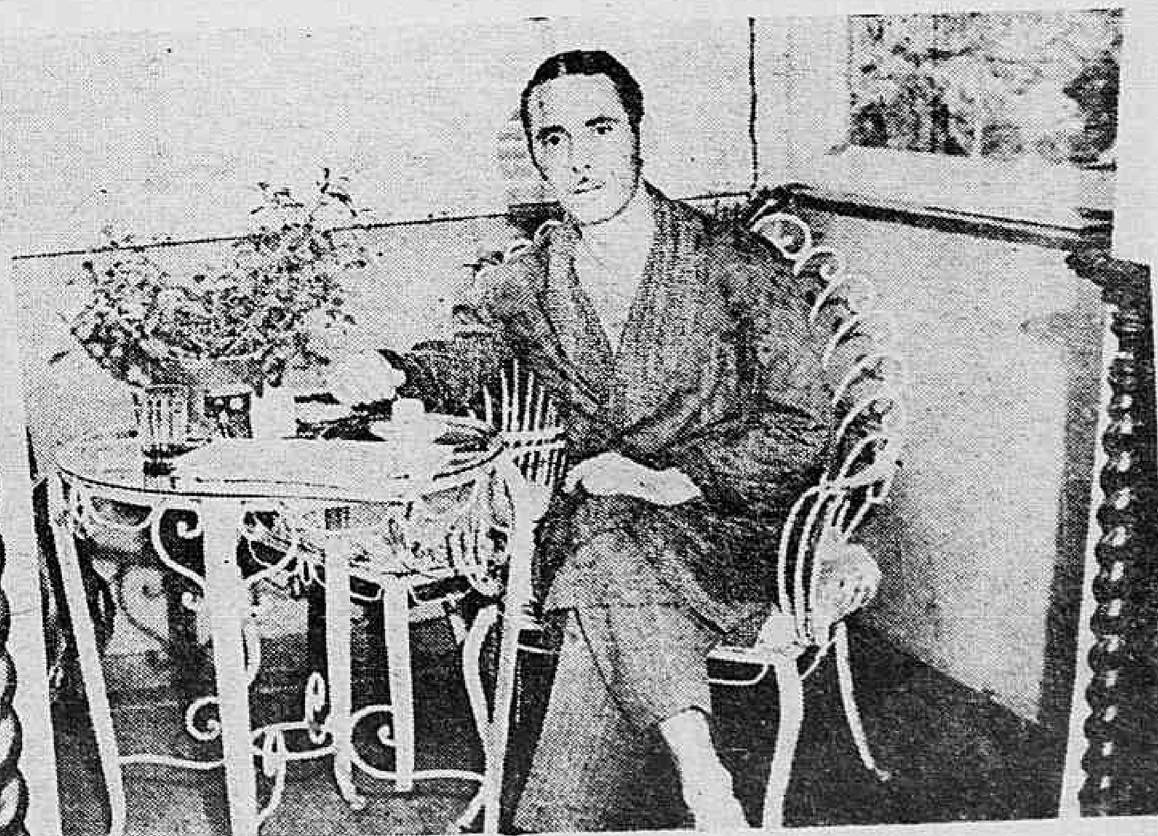
QUE TERIA ACONTECIDO AO "REI DO RÁDIO"? ★ LOURDINHA BITTENCOURT TAMBÉM DESAPARECIDA ★ DE BARMAN À BOXEUR E DE BOXEUR À CANTOR.

Reportagem de MAX GOLD

Fotos de MELLO



Passou em revista seus discos novos e antigos... Consultou o «velho» álbum de Paul Weston...



E apenas aguardava a chegada de Lourdinha Bittencourt para ir embora... Fumando e tomando café, êle espera...



Uma linda estrêla de Teatro, não está livre da perseguição dos velhinhos ricos, e Tele persegue Coramina, propondo-lhe casamento, mas seu coração está com Armando um belo aluno da Escola Militar.

"CURVAS PERIGOSAS"

JOVEM e bela, Coramina está em uma grande cidade à mercê dos grandes atrativos, das grandes sugestões e dos grandes perigos. Precisa ganhar a vida para sustentar sua irmãzinha aleijada. Luta, mas tudo vão, até que surge uma antiga "estrêla", Rubi, que a acolhe e as duas planejam um futuro, qual seja, uma linda casa de



campo no centro de uma propriedade rural, onde possam viver sossegadamente, longe do bulício da metrópole, criando galinhas, cabras, vacas, passarinhos e plantando flores. O plano começa pelo teatro, onde ingressa Coramina como corista. Seu talento e sua beleza grangeam lhe a simpatia do público e a inveja das colegas, mas também a admiração de "Tampinha", o empresário. Coramina, apesar de bela e talentosa, representa sempre erradamente em cena, mas tudo propositadamente. Os admiradores começam a aumentar, são velhos e moços que perseguem a nova corista. Ela, entretanto, inspirada por Rudi vai contornando hàbilmente todos êles, dos quais recebe presentes, jóias e flores. As flores ela vende para fazer dinheiro, enquanto que as jóias vai guardardo avaramente para constituir o fundo com que comprarão a almejada propriedade.

No dia em que Coramina e Rubi estão fazendo o balanço dos haveres, surge o seu novo admirador, cujo nome é Tele. Êle é maníaco por telegrafia e por cúmulo é presidente de uma Companhia de radiotelegrafia. Tele é um velho a que Rubi descreve como sendo um balão que já foi cheio. Êle lhe traz um colar de pérolas brancas e negras que formam em alfabeto Morse, devido a sua colocação no cordão, a palavra *Amo-te*.

O colar custara dez mil pesos e era justamente a quantia de que as duas precisavam para comprar o seu sonho.

Após o balanço, Coramina e Rubi principiam a fazer planos e Coramina está disposta até a casar-se com o primeiro Tele que lhe apareça. Rubi lhe dá conselhos e lhe conta como outras atrizes foram infelizes casando-se sem amor. Coramina escuta e decide então casar-se com Armando, que era um rapaz farrista, como êle próprio dizia, mas ela gostava dêle. Rubi chamava-o de bebê de sete meses.

No afã de ganhar dinheiro, Rubi procura fazê-lo como pode e acontece que cinco velhos comerciantes, diretores de uma importante em-

(CURVAS PELIGROSAS)
Título original:

LEONORA AMAR — CARLOS CORES — FANY SCHILLER — ARTURO SOTO RANGEL — ELODIA HERNANDEZ — JESUS VALERO — NICOLAS RODRIGUEZ — ARMANDO ARRIOLA — CARLOTA SOLARES — JUAN PULIDO — MAGDA DONATO — CACO MARTINEZ — MARIA GENTIL ARCOS — HILDEGARD GONZZALEZ — LUPE SOSA — CHELO LA RUE e seu BALLET — GLÓRIA ALONSO — LÍDIA FRANCO — EDUARDO VIVAS — ALFREDO — VARELA JUNIOR — MANUEL S. NAVARRO — MANOLO NORIEGA — HUMBERTO RODRIGUEZ — AURORA C. DE VIVAS — HERNAN VERA — BEATRIZ SAAVEDRA.

Argumento original de Carlos Cardenas e Tito Davison — Direção de Tito Davison — Fotografia de Alex Phillips — Músicas de Ary Barroso (Brasil) — Damaso Perez Prado (Mambo nº 5) — Carlos Tirado, Jesus Estrada, Júlio Alejandro, José Bohr e Vitor Soliño — Realizado por Produciones Sol.



prêsa, desejam passar uma noite dançando e brincando. Contratam o serviço de Rubi, que leva Coramina e mais três coristas. E' uma noite de farra com cinco inofensivos, que já não bebem e já não dançam senão as velhas danças fora de moda. Quando o dia começa a clarear os velhos partem para suas casas. Um dêles, Marcial, ao chegar a casa sua espôsa lhe diz que não deve trabalhar tanto porque senão perde a saúde. Marcial zanga-se porque ela não brigou e nem desconfiou que êle estivesse na farra, porque julga-o incapaz de qualquer extravagância. Marcial, cada vez mais zangado, diz que tem uma amante, que passou a noite na farra. Mas a mulher não acredita. No dia seguinte, êle reúne os seus colegas para tomar uma providência e resolvem em conselho pregarem uma peça na espôsa de boa-fé.

Escrevem uma carta anônima avisando a espôsa que o marido estará no apartamento da amante a determinada hora. Arranjam com Rubi uma cena com Coramina para o momento em que a espôsa os surpreender. Quando chega a espôsa supostamente enganada encontra-os num diálogo amoroso. A espôsa pede que tudo acabe ali e obriga o marido a assinar um cheque de dez mil pesos para que a amante não o persiga mais.



Ao sair o casal, Coramina obriga Rubi a devolver o cheque, pois não quer ganhar mais do que o preço ajustado para a farsa.

Coramina continua, entretanto, encontrando-se com Armando, a quem devota verdadeiro amor. Os encontros são em determinado bosque e há três dias que Armando não aparece. Mas, afinal, chega fardado. Era um interno da Escola Militar. Confessa então que se dizia farrista e estroina para impressioná-la, mas de fato era um prisioneiro dos estudos e um rapaz puro. Coramina amá-o cada vez mais. Num idílio amoroso a chuva cai copiosamente, mas os namorados não sentem e exclamam que a tarde está linda, apesar de molhados. O amor não lhes permite pensar em outra coisa. Vem o pedido de casamento e o beijo do noivado. Armando diz à Coramina que irá pedir a seus pais a sua mão. Ela nunca lhe contou a sua verdadeira história.

Coramina agora tem que arranjar uma família para receber o noivo. Pede a Rubi que contrate as três coristas e um velho canastrão para a cena. Quando tudo está preparado chega o noivo e o ator que fazia o papel de pai bebe muito vinho e estraga a cena. Armando não percebe a farsa e combina para apresentar Coramina, agora sua noiva, aos seus pais. As cinco mulheres partem para a velha mansão onde habitam os pais de Armando.

Lá estão todos os velhinhos que estiveram na célebre farra. Os pais de Armando são justamente o casal da farsa, isto é, Marcial e sua espôsa.

Ao entrarem na vivenda as cinco mulheres há uma debandada dos velhinhos, enquanto que as mulheres correm a preparar um "lunch". Sòmente à mesa é que se reúnem todos. Aí a espôsa de Marcial reconhece na jovem Coramina a amante de Marcial.

A espôsa, que se julga enganada, diz ao filho que sua noiva era amante de seu pai. Coramina, com o coração traspassado de dor, sai correndo. Rubi obriga então ao velho a declarar que Coramina é inocente e que a cena foi mandada preparar por êle próprio e conta que aquelas moças não são irmãs de Coramina.

Revela então que o sacrifício de Coramina fôra para manter sua irmã aleijada.

Armando compreende e vai em busca de Coramina, que correra para o teatro e está representando. Vai buscar a sua irmã e com seus pais vai ocupar um camarote no teatro.



Coramina entra em cena chorando, mas ao ver sua irmã, seu noivo e seus futuros sogros fica radiante e promete ali mesmo em cena que aquela será a última noite no teatro.

O empresário dá-lhe então o estrelato nessa noite de despedida. Coramina, alegre e esperançosa, canta uma canção, sendo aplaudida calorosamente porque é de um autor brasileiro a música com que ela deslumbra a platéia, para depois cair nos braços do noivo, a quem ama, e beijar sua irmã, a quem adora.



FRED ZINNEMANN - UM DIRETOR DE PULSO

FRED ZINNEMANN é um dos poucos diretores de Hollywood que trabalham com igual proficiência tanto nos estúdios americanos como nos europeus. Foi na Alemanha e Tchecoslováquia que filmou THE SEARCH, da Metro-Goldwyn-Mayer, um dos filmes mais homenageados dos últimos tempos. Logo após regressou a Hollywood onde fez ACT OF VIOLENCE, também para a Metro-Goldwyn-Mayer, e mais recentemente o tão discutido THE MEN, para Stanley Kramer e a United Artists. O último filme de Zinnemann é a produção de Arthur M. Loew, TERESA, filmado na Itália e Nova York. E' a história de um soldado americano que conhece e se casa com uma italiana durante a guerra e a traz para sua casa em Nova York. Em Teresa Zinnemann contrabalança sua experiência adquirida na América e na Europa em sua carreira profissional e em sua própria vida particular. Tem estado em Hollywood desde 1929. Além de dirigir «shorts» na Metro-Goldwyn-Mayer por mais de três anos, recentemente acaba de completar um contrato por sete anos, no qual realizou THE SEVENTH CROSS cujo protagonista foi Spencer Tracy.

O cinema não foi a primeira escolha de Zinnemann como carreira. Nascido em Viena, Austria, no dia 29 de abril de 1907, filho do dr. Oskar e Ana Zinnemann, as carreiras geralmente oferecidas a um menino de sua posição eram música, medicina ou direito. Na verdade escolheu duas das três.

Começou a estudar violino desde muito cêdo, com a intenção de se tornar concertista, porém, aos dezoito anos, deixou a música para estudar direito na Universidade de Viena.

Foi durante seus dias de estudante de direito que êle assistiu a dois filmes que mudaram o curso de sua vida. Êsses filmes foram a GREED de Erich Von Stroheim e THE BIG PARADE de King Vidor. Sua imaginação foi atiçada pelas possibilidades no cinema e decidiu tornar-se diretor cinematográfico. Viajou para Paris onde se matriculou numa escola para «cameramen». Primeiro desejava estudar as bases técnicas da câmera, da luz e mecânicas. Após um ano nessa escola, trabalhou como operador-assistente tanto em Paris como em Berlim. (Cont. na pág. 26)



Ladeado por sua principal estrêla, a jovem italiana Pier Angoli, e pelo garoto Guide Martufi, que faz o papel de irmão de Miss Angoli em "Teresa", vemos Fred [illegible]ann, que dirigiu [illegible]dwyn-Mayer

CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

Conforme anunciamos em nosso número anterior, A CENA está oferecendo uma oportunidade aos seus leitores, para um possível ingresso no cinema brasileiro.

À medida que nos forem chegando as primeiras cartas, iremos organizando um "fichário", ao mesmo tempo que iremos publicando as fotos e os dados dos candidatos. Para isso, torna-se necessário que o leitor interessado preencha os requisitos abaixo, em sua quase totalidade, anexando o "coupon".

Nota: — Não é obrigatório que os dados sejam preenchidos nesta página, bastando repetir as perguntas em outro papel. Todavia, torna-se imprescindível a remessa do "coupon", sem o qual, o candidato não será tomado em consideração.

★

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a:

"Candidate-se ao Cinema Brasileiro"
Redação de A CENA
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro.

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (a critério do candidato) ..

....

COUPON

Assinatura ....

....

Enderêço ....

....

Telefone ....

Cidade ....

Importante: — Juntar uma (ou mais fotos) do tamanho ou pose que achar conveniente, mas que possam dar boa reprodução. As cartas que não vieram acompanhadas dos "coupons" e das fotografias, não serão tomadas em consideração.



O criador de «O Sombra»

HERRERA FILHO NÃO SE CONSIDERA BEM RECOMPENSADO

ARMANDO MIGUEIS

O cliché diz tudo.

Herrera Filho não tem físico para galã cinematográfico. Por isso mesmo, voltou-se para o rádio. E' que o ouvinte, com raríssimas exceções, procura interessar-se pelo aspecto fisionômico dêste ou daquele produtor de programas. Porém, nosso reportado atribui seu ingresso no sem-fio à índole pelo gênero dramático e o econômico. Além disso, como jornalista, ganhava menos do que a sua capacidade profissional podia exigir. Todos êsses motivos contribuiram, portanto, para que Herrera enxergasse na atividade radiofónica, o caminho mais rendoso.

Com o primeiro trabalho para o microfone veio a primeira emoção. Emoção que êle explica como sendo a de quem tinha muito que aprender. Todavia, pôde provar a três figuraços que não lhe faltavam qualidades de rádio-autor.

Criatura afeita ao trabalho, não perdendo tempo em divagações fúteis, declarou-me, ali no saguão da Mayrink Veiga, emissora a que está prêso por vantajoso contrato:

— O gênero em que obtive popularidade não é, a rigor, policial. Êsse gênero pertence aos magníficos programas de Alziro Zarur e Berliet Júnior. "O Sombra" não é "policial". E' um teatro de pavor, como será, por exemplo, "Castelo Maldito", que lançarei dentro em breve na Mayrink Veiga. E' claro que o detective não poderia deixar de aparecer em "O Sombra", já que os crimes, praticados em sociedade, exigem a intervenção do órgão estadual destinado à captura dos criminosos. Mas o que caracteriza a figura do "Sombra" é a sua personalidade combativa e a sua invisibilidade. O que impressiona a mente coletiva não é a técnica policial do "Sombra", mas o seu poder de conhecer o mal que se esconde nos corações humanos...

Herrera Filho recorda, a propósito do "Sombra", o caso mais pitoresco que lhe foi dado viver em sua carreira de radialista. E' a história daquele menino de uns nove anos que, em Campos, na inauguração de uma escola primária, durante a irradiação da festa, chegou-se a êle e lhe segurou a mão suavemente. Nosso herói se encontrava num palanque transbordante de gente. Professôras, autoridades e famílias. O locutor da emissora local, cansado, passou-lhe o microfone. Na passagem, porém, o locutor, não só citou-lhe o nome, como fêz referências ao "Sombra". Nesse momento, justamente, nosso reportado sentiu sua mão apertada por outra, suave e pequena. Estremeceu. Alguma fã apaixonada levava sua audácia feminina àquele ponto, na certa. Mas, ao procurar ver quem lhe dava tamanha demonstração de simpatia, deparou com um menino, que de baixo do palanque o olhava semi-amedrontado. E, quando suas vistas bateram nas do garôto, êste, como que espantado e nervoso, balbuciou: "O Senhor é o Sombra... O Senhor existe mesmo?"

Relembrando tão agradável passagem, o exclusivo da Mayrink Veiga não pôde esconder uma revelação. Fê-la com um sorriso aflorando-lhe aos lábios:

— O pitoresco dêsse caso reside no fato de que minha vaidade de homem me pregara uma peça, quando aquela admiração de criança era, e ainda hoje o é, a maior demonstração de minha popularidade de rádio-autor. Esta lição, meu caro, está gravada no meu coração.

Mesmo assim, o responsável pelas futuras aventuras de "Castelo Maldito", não se considera bem recompensado. Contudo, espera ganhar bastante dinheiro no decorrer de 1951, oferecendo aos radiouvintes boas produções. Vamos, portanto, aguardar.



Sônia Coelho ao pé do monumento de Vicente de Carvalho, em Santos E' uma das mais belas sequências do filme.

"ALAMEDA DA SAUDADE, 113"

ESTRANHA HISTÓRIA DE AMOR LEVADA PARA A TELA ★ O HOMEM DO POVO NOS PAPÉIS CARACTERÍSTICOS ★ OS ESTÚDIOS FORAM AS RUAS E BECOS DA CIDADE DE SANTOS ★ PEQUENA EQUIPE INDEPENDENTE REALIZA UM VERDADEIRO MILAGRE ★ UMA AÇÃO JUDICIAL QUASE ANULA A CURIOSA EXPERIÊNCIA DO CINEMA

A EQUIPE

Carlos Ortiz, critico cinematográfico da "Fôlha da Manhã", de São Paulo, grangeou notoriedade nos meios de cinema do país, dada a sua excepcional cultura e incrível capacidade de realização. Domina dez idiomas, foi professor de filosofia, literatura e música. E' autor da "Cartilha de Cinema" e "História Breve do Cinema", além das primeiras versões diretas do idiche para o português. Fundou vinte cine-clubes e idealizou e dirige o "Seminário de Cinema" do Museu de Arte. Recentemente foi eleito, por unanimidade, presidente da Associação Paulista de Cinema.

Com um pequeno grupo de colaboradores ativos e eficientes, entre os quais Ortiz Monteiro, advogado e pintor, o cinegrafista ucraniano George Tamarski, o cenógrafo e intérprete Rubens Queiroz, o critico de 18 anos Bráulio Pedroso, o estudante e montador Raimundo Duprat, o desenhista Guilherme Galiano e o negro Antônio Eleutério, coveiro do cemitério do Redentor, resolveu Carlos Ortiz preparar e realizar um filme.

O ARGUMENTO

Estranha história de amor, mesclada de lirismo e de sombras de além-túmulo, intermitentemente agita a imaginação do cordial povo de Santos. O episódio relata o caso de um rapaz alegre e esportivo que, num baile de sábado de aleluia, conhece e dança a noite tôda com uma "jovem de rosto coberto por pequena máscara negra" Quando vai levá-la, uma daquelas chuvas tipicas de Santos alagava a madrugada. Êle deixa com ela a sua capa. Na noite seguinte, quando vai buscar o seu impermeável, é informado pela mãe da moça que sua namorada havia falecido há muitos anos. Atônito, procura o cemitério indicado e encontra, sôbre o túmulo 113, da Alamêda da Saudade, a capa com que abrigara a fascinante e misteriosa jovem.

Carlos Ortiz fêz a cenarização da lenda santista e Raimundo Duprat batizou o novo argumento.

OS INTÉRPRETES

Sônia Coelho e Rubens Queiroz formam o par principal. Dadas as suas naturais qualidades cinematográficas e a circunstância de serem estreantes na tela, apresentam um desempenho extremamente espontâneo, que os artistas profissionalizados não mais possuem.

Sônia é jovem, muito bonita e dotada de instintiva capacidade de interpretação. Vindo a estudar e a submeter-se à disciplina dos estúdios, terá a carreira de cinema em suas mãos.

Rubens, por sua vez, é um caso indiscutivelmente raro no campo cinematográfico nacional. Raramente um intérprete de nossa cinematografia apresenta tantas qualidades. Artista autêntico, surpreenderá a critica mais exigente. Se quiser permanecer no cinema, estará em condições de se destacar em qualquer setor a que venha dedicar os seus conhecimentso dos problemas da sétima-arte. Lúcido e educado, vem construindo em tôrno de seu nome uma ampla atmosfera de confiança e simpatia.

Nos demais papéis, Carlos Ortiz empregou, o quanto possivel, pessoas do próprio ofício indicado no argumento, como no caso do coveiro,



Sônia Coelho ao ser maquilada por Flávio Tôrres, antes da cena do baile, onde conhece o rapaz.



Sônia e Rubens na cena do baile, onde se conhecem Raul e Inês. Argumento e direção de Ortiz.



Sônia Coelho e Rubens de Queiroz, numa sequência romântica da película de Carlos Ortiz.



Sônia Coelho na «cena da chuva» Esta é a primeira chuva artificial em grande área, realizada no cinema brasileiro.

em que o negro Eleutério dá um cunho de comovente sinceridade a uma das mais importantes seqüências da fita.

A FILMAGEM

Com escassos recursos financeiros e uma aparelhagem nem sempre suficiente, os corajosos rapazes transportaram-se para Santos e iniciaram uma longa luta de muitos meses.

A população da cidade praiana acompanhava e participava, muitas vêzes, do trabalho paciente e sacrificado daquela pequena equipe. A extrema seriedade com que encaravam o seu ofício e a dedicação com que cumpriam as suas tarefas, acabaram cercando todos os rapazes da estima popular.

Multidões atentas aglomeravam-se em tôrno dos locais de filmagem. Carlos Ortiz, antes de iniciar as tomadas, explicava a importância do cinema e a função de cada máquina. O povo fazia perguntas e aplaudia calorosamente nos finais das seqüências.

OITENTA CONTOS

As últimas seqüências noturnas estavam sendo filmadas. Bráulio Pedroso e Raimundo Duprat já estavam programando a etapa final de sonorização e montagem definitiva, quando o advogado Júlio Scantimburgo procurou o produtor Ortiz Monteiro para comunicar-lhe que o repórter policial Orlando Criscuolo era o "autor do argumento do filme"...

Criscuolo considerava-se "criador da lenda", porque no ano de 1947 havia dado uma "noticia" sôbre êsse episódio do dominio público. Exigia, pois, oitenta mil cruzeiros pelos seus "direitos autorais", sob pena de lançar uma campanha jornalistica de desmoralização da pessoa de Carlos Ortiz.

Ortiz Monteiro sugeriu a Scantimburgo que transmitisse as propostas a Carlos Ortiz, em dia que lhe seria prèviamente designado. Assim foi feito, e dessa forma foi possivel gravar a interessante "palestra" e as ameaças de Criscuolo e Scantimburgo.

BUSCA E APREENSÃO

Como não lhes fôsse dada mais atenção, o repórter e seu advogado, a titulo de revanche, requereram perante o M. Juiz da 1ª Vara Civel da Capital, busca e apreensão do filme, objetivando impedir sua exibição, como declararam à imprensa.

Ortiz Monteiro, contestando a ação, juntou uma certidão de registro do argumento de Carlos Ortiz na Biblioteca Nacional e documentos que provavam ser a história do dominio público.

O juiz Alipio Bastos, que também é escritor e goza de grandes respeito nos meios culturais e juridicos de S. Paulo, aceitando a argumentação da defesa, deu ganho de causa a "Alamêda da Saudade, 113", que agora está livre para as telas do Brasil.



Sônia Coelho, a misteriosa Inês, inspirada na lenda que alarmou tôda a cidade de São Paulo.



Rubens Queiroz, artista autêntico e grande estudioso dos problemas do cinema, surpreenderá a crítica mais exigente.



NANCY Olson, um ga exceção à regra de c embaraços antes de c certo dia dos me ados Angeles, aparec u en amadora e foi vista por u n en lentos. No dia seguinte, ez u contrato com essa compa hia.

Um mês depois, por um siste dolph Scott no filme "Terr a Vi Na primavera de 1949, re lizou púsculo dos Deuses", ao lado von Stroheim e sob a dir ção maiores produções da atu alid

Embora sua carreira p reç anos. Nancy Olson come ou Wisconsin, onde nasceu, os Olson, era um dos expoe ntes onde reside com seus tios Co rôres, todos esperavam qu e el primeiro papel dramático a e sua vocação era ser artist a.

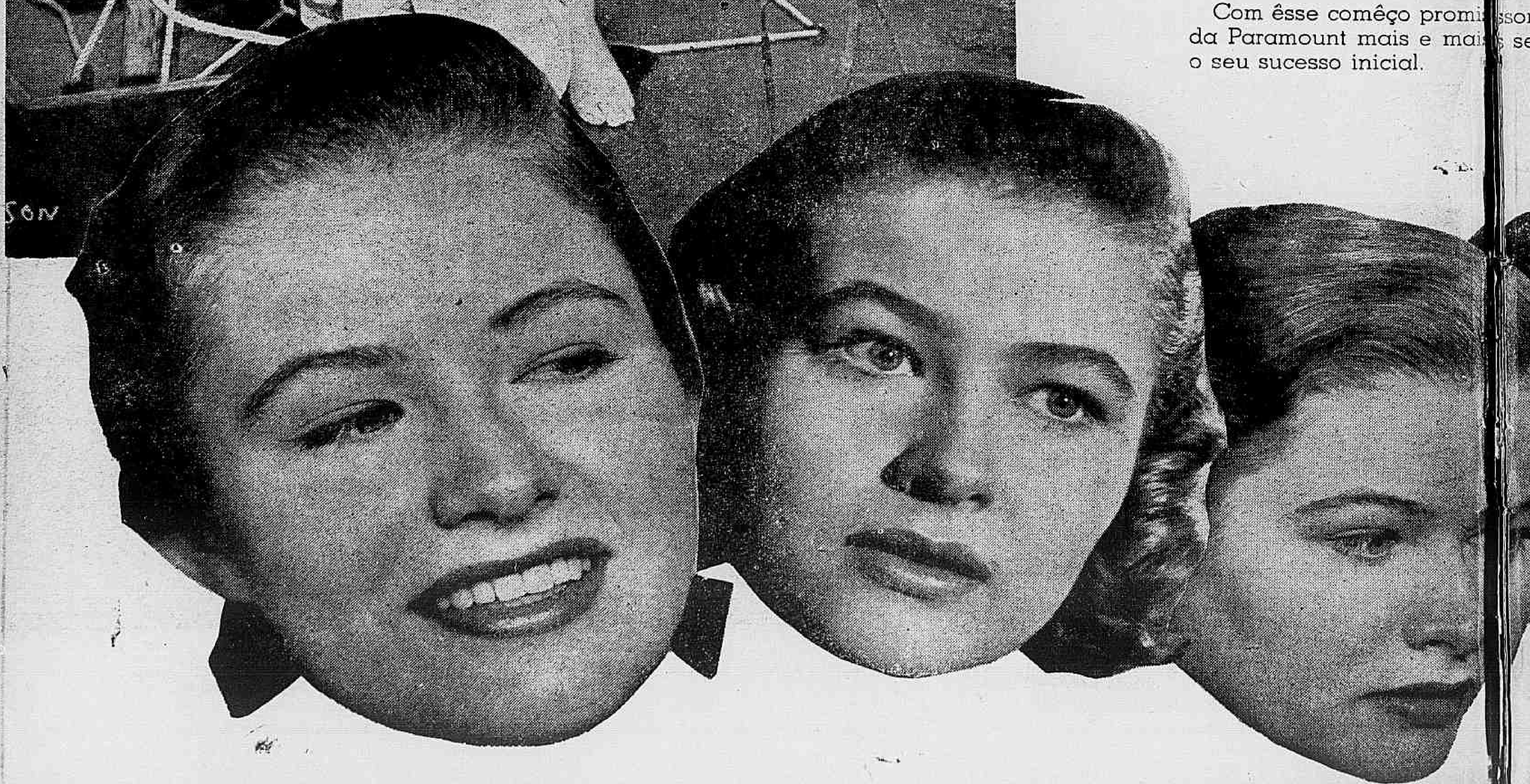
Fêz um trato com sua fa mílic sucesso imediato como atri z. D dora, pouco a pouco cons lid festas em que se represen ava

Após assinar seu contrat o co até poder comparecer ant e as de aperfeiçoamento, porqu e s titui uma carreira.

Sua ambição profission l é cular é ser apenas uma m lhe família ela se dedica ao es port no rosto a carícia do vento e n

Em literatura, seu autor pre clina para a música erud ta. homens casadoiros, ela nã o t Se o fizer, algum dia, não p ret

Com êsse começo promi sso da Paramount mais e mai s se o seu sucesso inicial.



garôta de olhos brilhantes e sonhadores, é uma de que tôda jovem artista encontra dificuldades e de chegar à fama. Ela começou pelo sucesso. Em dos de 1948, então aluna da Universidade de Los u em uma pequena produção, como uma simples m emissário de Hollywood, um descobridor de ta- ez um teste na Paramount, conseguindo um longo hia.

sistema de empréstimo, apareceu ao lado de Ran- a Virgem" (Canadian Pacific) da 20th Century-Fox. izou para a Paramount um grande papel em "Cre- lado de William Holden, Gloria Swanson e Erich ção de Billy Wilder, filme que resultou numa das alidade.

reça fácil, ela a tem preparado desde há vários ou a pensar nisso quando estava em Milwaukee, os 14 de julho de 1928, onde seu pai o Dr. Henry ntes da obstetrícia. Veio depois para Hollywood, Como vários membros de sua família são profes- e ela seguisse a carreira didática. Mas desde o seu a escola de sua terra natal, ela compreendeu que a.

nília de voltar ao professorado, se não conseguisse z. De degrau em degrau ela foi subindo, como ama- lidando seus dotes artísticos, aparacendo até em ava ao ar livre.

o com a Paramount, Nancy continuou seus estudos as câmeras. Mas ainda pretende fazer um curso e sabe que aparecer em duas películas não cons-

l é tornar-se uma grande atriz e seu sonho parti- lher, humana e sincera. Na casa de campo de sua orte favorito: velejar no seu barco particular, sentir e na alma a alegria de viver.

preferido é Thomas Wolfe e em música ela se in- ta. Apesar de sua imensa popularidade entre os o tem planos definitivos a respeito do casamento. retende interromper sua carreira no cinema.

ssor, não temos dúvidas de que a graciosa estrêla se firmará na constelação da tela, consolidando





NANCY OLSON,

O SUCESSO DE UM CREPÚSCULO

ATIVIDADE EM SÃO PAULO

COMO SE FAZ UM

FOTO-REPORTAGEM DE MIGUEL JORGE E

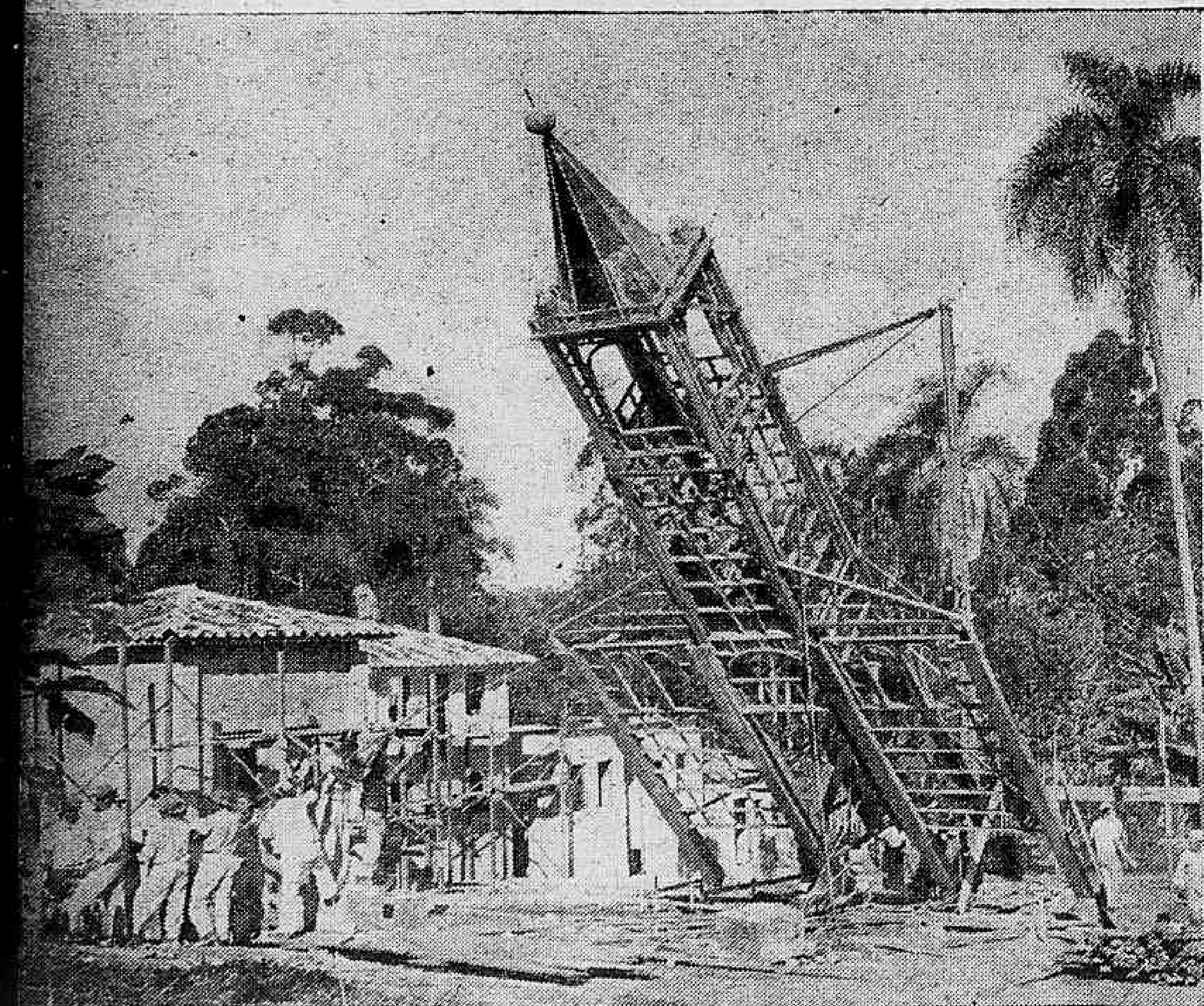
(Especial para «A CENA»)



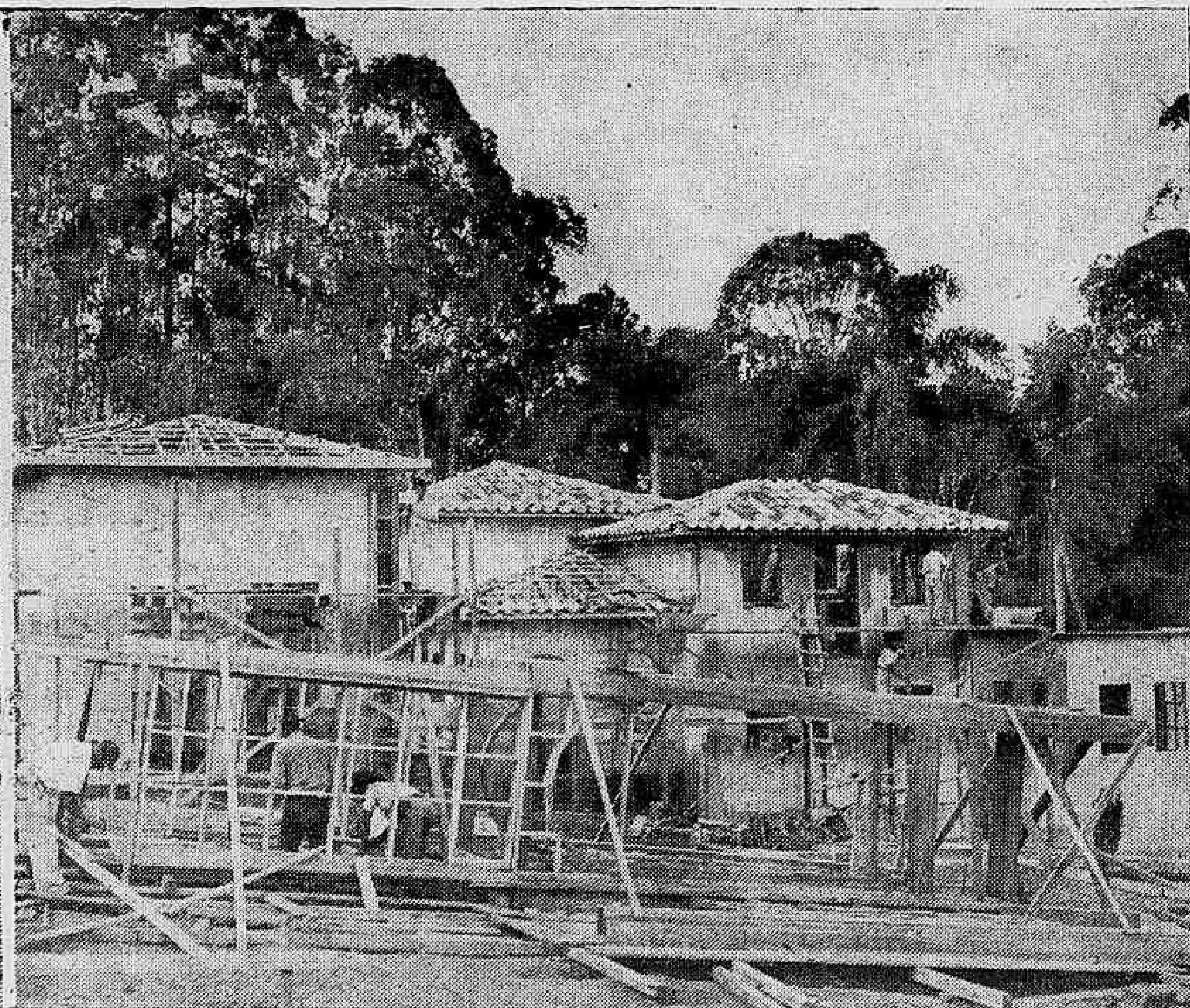
O produtor Fernando de Barros examina os trabalhos realizados em tôrno da vida de Zequinha de Abreu, por uma equipe de escritores de São Paulo. Após colher todos os dados necessários à confecção de um argumento cinematográfico, torna-se imprescindível a aquisição de um bom cenarista, a fim de coordenar as pesquisas feitas e elaborar uma história, já com tratamento cinematográfico. Com sua boa estrêla, Fernando de Barros encontrou Oswaldo Sampaio, o elemento ideal para transplantar para a tela a vida do famoso compositor de «Tico-tico no fubá».



Após a elaboração da história, já com roteiro de cinema, o cenarista Oswaldo Sampaio mostra-a a Adolfo Celi, o diretor do filme. Ambos deverão cenarizar o argumento, isto é, dividí-lo em sequências, cenas e tomadas, planificando-o, ângulando-o, valorizando-o com movimentos de câmera e cortes sugestivos e funcionais, explorando as situações dramáticas mais intensas, tirando maior efeito da narrativa, da trama, do drama, do conteúdo, dos diálogos (de Guilherme de Almeida). O trabalho de cenarização é dos mais difíceis em cinema e êste está bem entregue.



Instantâneo colhido no momento em que era erguida a torre da igreja que fica no centro da praça da Vila de Passa Quatro. Foram reconstruidas também a Prefeitura, o Corêto onde a bandinha de Zequinha de Abreu tocava todos os domingos, três ruas, uma barbearia, uma farmácia, um jardim e árvores. Isto sem falar no circo, que será montado, mais tarde, em outro local do estúdio. Enquanto se constrói a Vila, o produtor providencia um guarda-roupa da época, móveis e os «sets» interiores com o cenógrafo Aldo Calvo. Contrata artistas coadjuvantes e os extras.



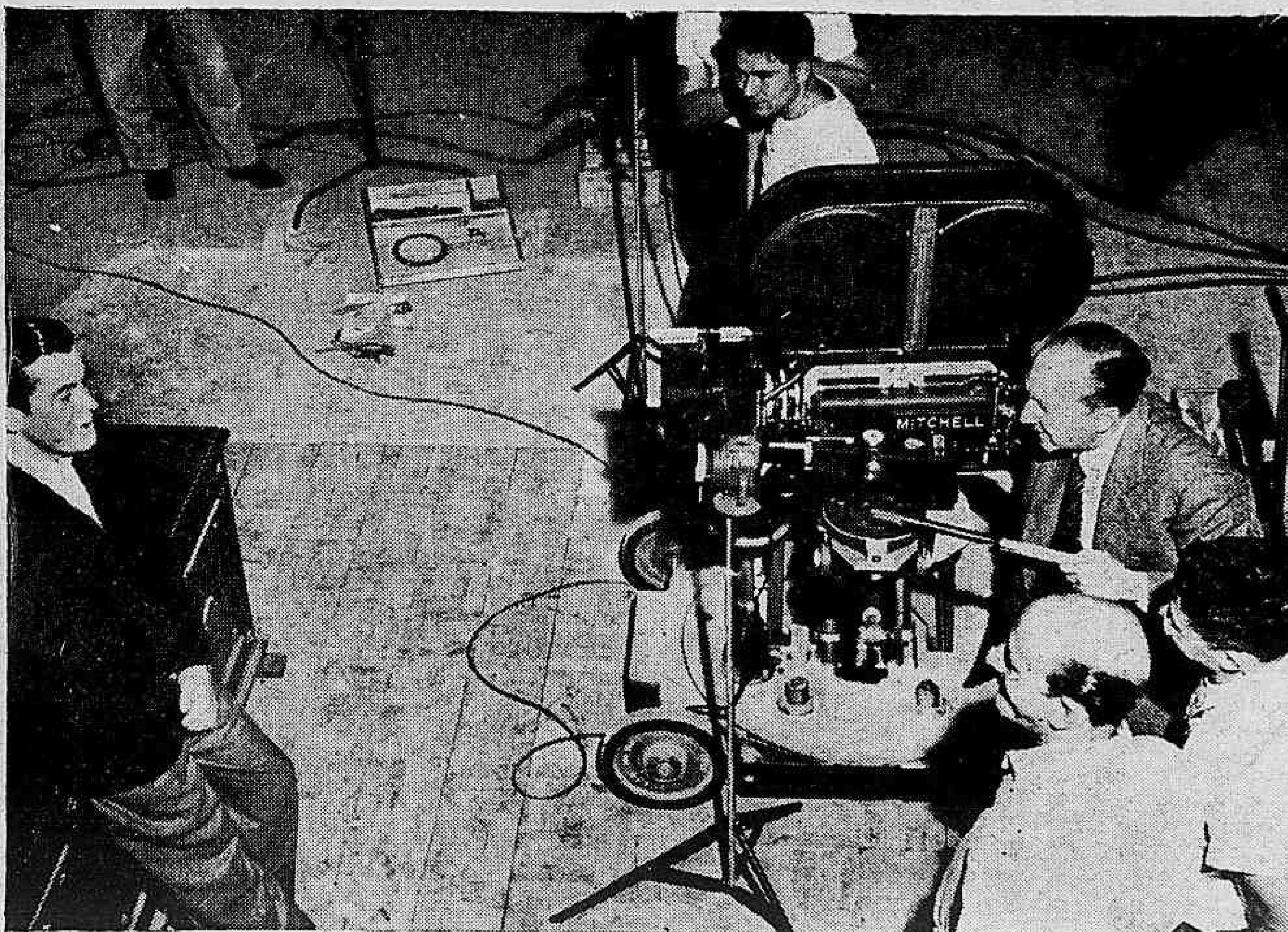
Começa a montagem dos cenários (não confundir com cenarização). Madeiras, tijolos, cimento, telhas e outros materiais de construção são transportados para São Bernardo do Campo, a fim de edificar, dentro dos próprios estúdios da Vera Cruz, a Vila de Passa Quatro, onde Zequinha de Abreu passou a maior parte de sua vida. Apesar do elevado custo dessas construções, a produção ficaria muito mais cara, se Fernando de Barros preferisse fazer essas filmagens em locação, ou seja, locomover tôda a equipe de técnicos e artistas para a Vila de Passa Quatro.

"TICO-TICO"

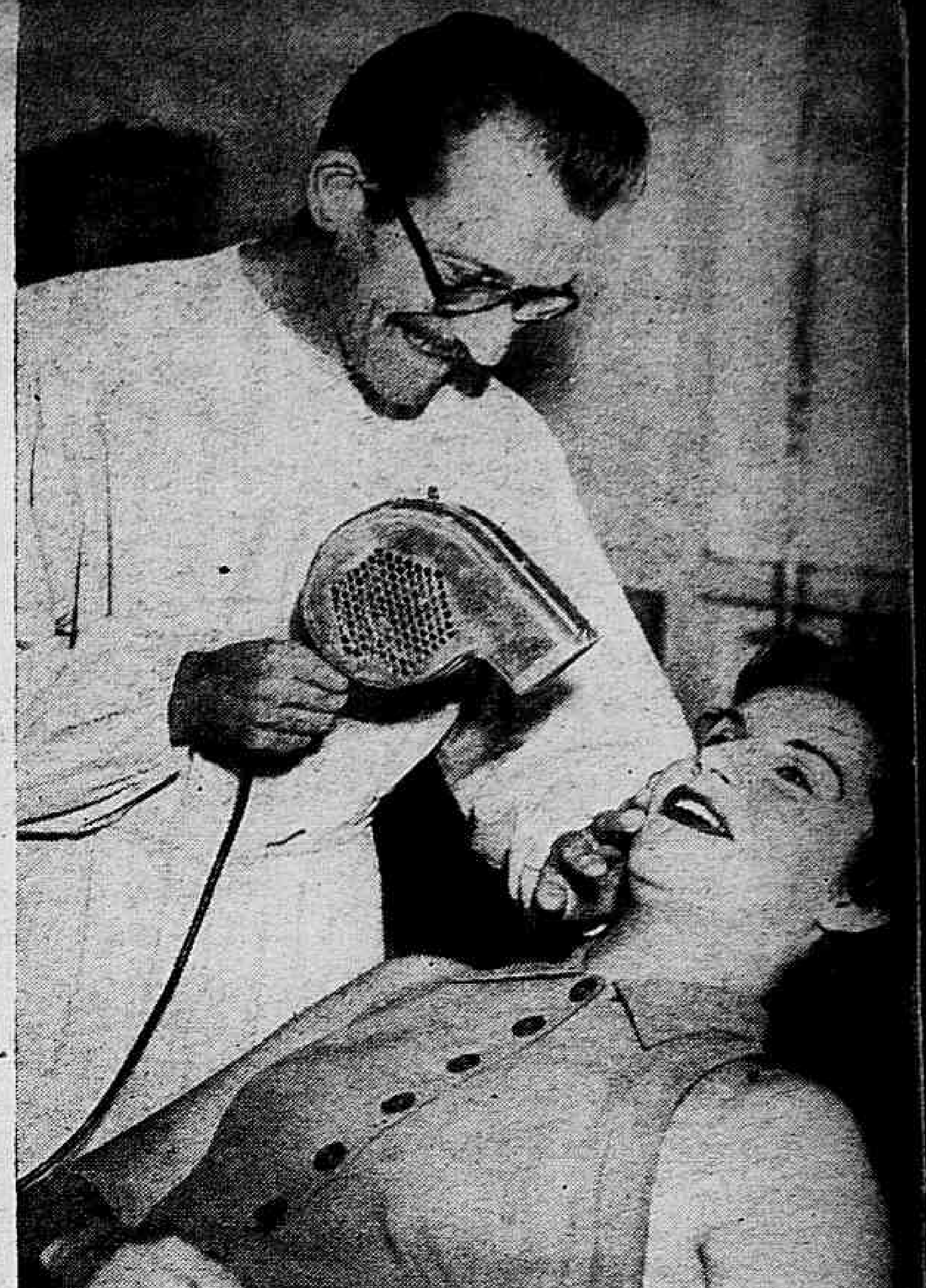
VALENTIM CRUZ



O experimentado Anselmo Duarte, galã de oito filmes, ensina à novata Marisa Prado, alguns segrêdos de interpretação cinematográfica. A aluna está prestando muita atenção, sinal de que a aula está interessante. Os dois queridos artistas ensaiam uma cena do filme, para os primeiros testes de filmagem. Insinuam as más línguas de São Paulo que está nascendo um forte romance de amor entre êles. Deve ser influência do filme, no qual Marisa Prado desempenha Durvalina, a espôsa de Zequinha. Se a vida imitar a arte, como diz Oscar Wilde...



Chegamos à última fase dos preparativos: o teste de filmagem. Um dos maiores iluminadores da Argentina, José Maria Beltran, foi contratado especialmente para fotografar o «Tico-tico». Anselmo Duarte colabora nas experiências de luz, que Beltran está fazendo. O assistente Oswaldo Sampaio dirige os trabalhos. Depois, então, terá início a rodagem do filme. Mas quanto trabalho para se chegar até aí. Junte-se a essas tarefas tôdas, a responsabilidade artística e financeira do filme e avalie-se como é importante o trabalho de um produtor no cinema.

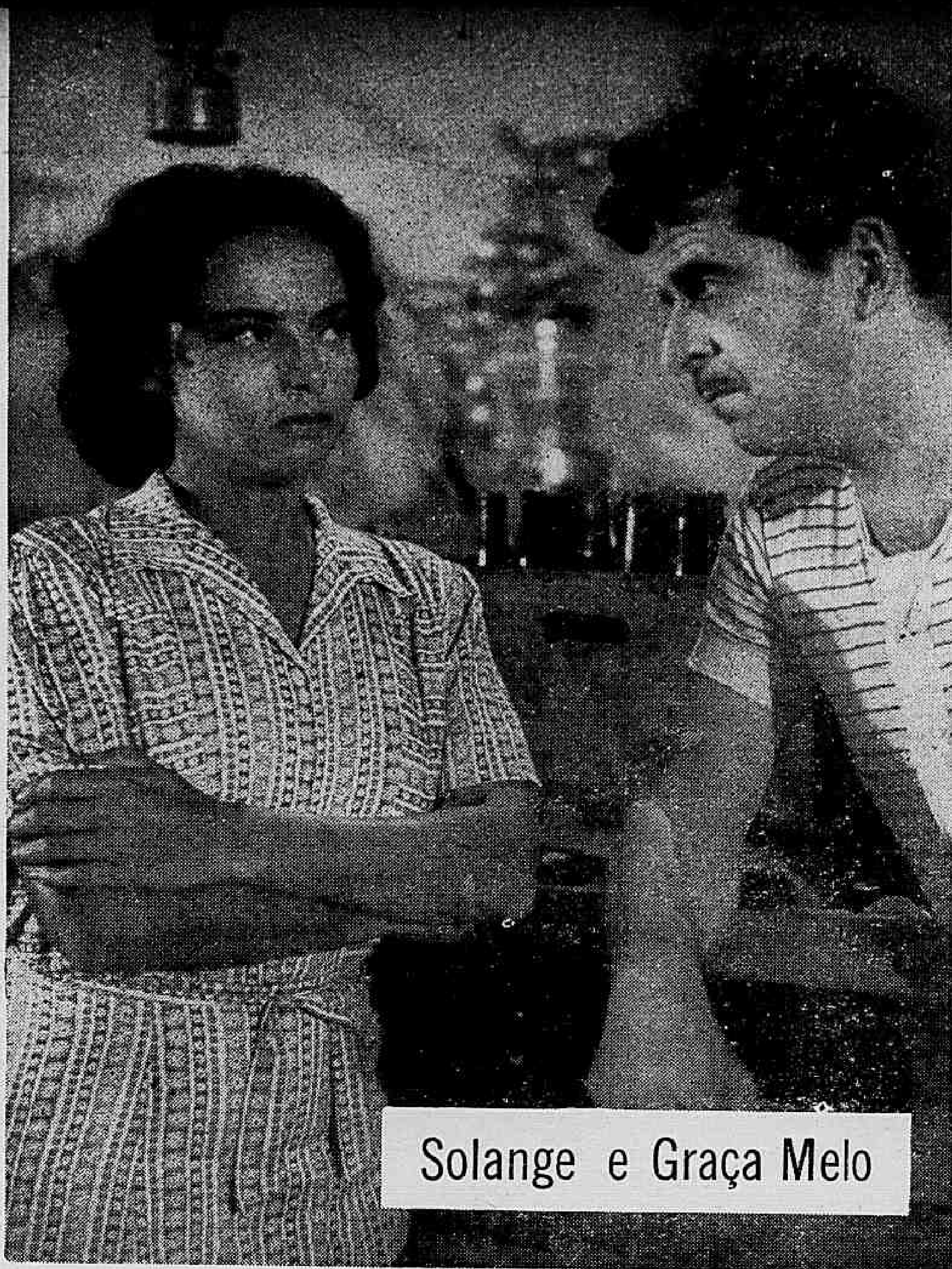


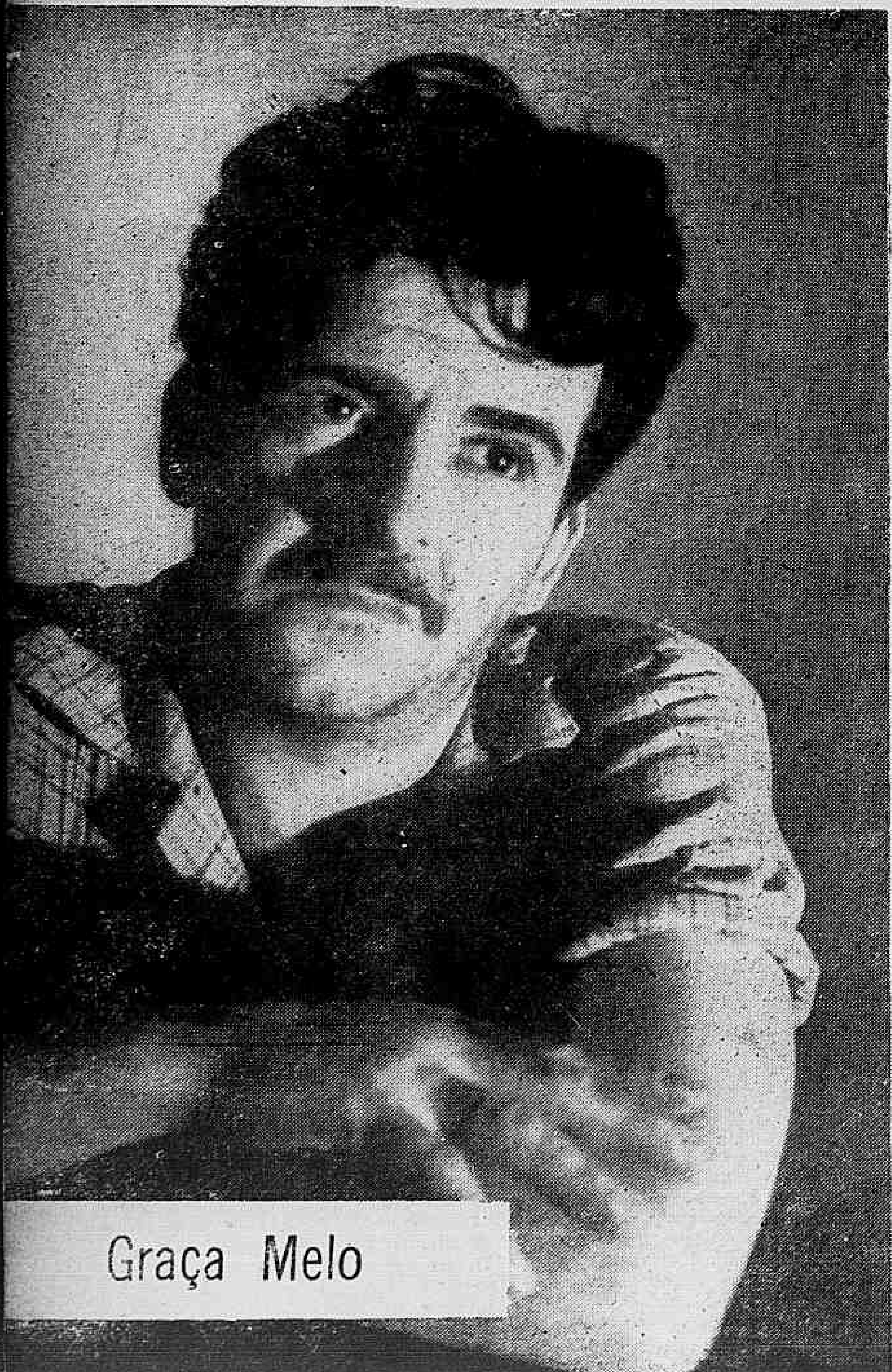
Em outro departamento, um outro aspecto da produção começa. E' a maquilagem, feita por um dos maiores técnicos do mundo, no assunto: Jerry Flexter. Tônia Carrero está sendo «envelhecida» para o papel de Branca, a grande paixão de Zequinha de Abreu. Enquanto isso, Anselmo Duarte dirige-se para o departamento de costureiras, com o intuito de experimentar uma «barriga artificial» que êle usará ao personificar Zequinha aos cinquenta anos de idade, nos últimos dias de sua vida. Como se pode ver, o cinema é uma usina de ilusões.



Feitos os testes de maquilagem com Tônia Carrero, Anselmo Duarte e Marisa Prado (dura mais de três horas cada teste), o diretor se preocupa com o estudo dos caracteres principais da personagem. Adolfo Celi explica a Tônia Carrero tôdas as nuances de seu papel, mostrando-lhe como se integrar no tipo que irá interpretar na tela, como dar maior valor às falas, aos gestos, às expressões. Trabalho de minúcias e de paciência, que dura várias horas. Feito êsse estudo, a artista se sentirá muito mais à vontade em seu desempenho, facilitando a tarefa do diretor.


Fada e Cyl Ferneny


Solange e Graça Melo


Graça Melo


Fada Santoro

PLENO sertão. Um cavaleiro avança por uma estrada deserta. Encontra no caminho um casal de mendigos, Mariana e Rodrigo. Detém-se para dar uma moeda àqueles infelizes que lhe estendem a mão. De repente, o homem o ataca de surprêsa. Arranca-o da sela. Derruba-o com um golpe certeiro, ajudado pela mulher. Os mendigos não passavam de salteadores à espera da prêsa. Revistam os bolsos do cadáver. Encontram o dinheiro que procuravam e uma carta. Nesta, há uma recomendação à vítima, para que tome conta de uma criança que ficara órfã de pai e mãe. Rodrigo ia rasgar a carta, quando ouve o chôro da criança. Só então repara que, na cesta, havia uma criança de meses. Seu primeiro ímpeto foi liquidar também aquêle inocente. Mas a mulher se opos. No seu coração, embrutecido pelo crime, ainda havia uns restos de humanidade. Toma a criança nos braços e, pouco depois, os assassinos desaparecem... deixando na estrada o corpo do infeliz viajante.

Os anos correm. Rodrigo e Mariana são agora donos de uma venda à beira de uma estrada, na bôca do sertão. A criança que haviam recolhido no dia do crime por êles praticado, é agora uma linda moça — Maria Rosa. Ela desconhece o seu passado, e considera Mariana e Rodrigo como seus verdadeiros pais. Rodrigo continua a sua vida de crimes. Tem agora um cúmplice, Zico, um homem sem entranhas como êle, que o ajuda nas suas empreitadas sinistras. Rodrigo tem pela sua "filha adotiva" uma inclinação pecaminosa, e Mariana, que tudo percebera, tem por êsse motivo altercações violentas com o companheiro. Zico também alimenta suas pretensões, e vive cortejando Maria Rosa, que se esquiva aos seus galanteios, sem lhe dar oportunidade a uma tentativa mais ousada. Nesse ambiente, Maria Rosa é como uma flor de pureza em meio a feras sanguinárias.

Um dia, Rodrigo vem a saber que Zé-Pedro, um viajante, recebera uma boa quantia em dinheiro e devia passar pela estrada. Oportunidade para mais uma tocaia. Chama Zico e combina o "serviço". No local combinado, os dois homens esperam a nova vítima. Quando esta aparece, tudo se passa com rapidez. Os dois bandidos a liquidam sem piedade. Enquanto Rodrigo se apossa do dinheiro, Zico recolhe o relógio de Zé-Pedro. Procura depois apanhar o cavalo em que êste viera montado. Tira-lhe a sela e a oculta ali perto. Mas, quis o acaso que Batista, um garôto do lugar, muito amigo de Maria Rosa, visse o cavalo de Zé-Pedro correndo à-toa por ali. Reconhecendo o animal, quis apanhá-lo, julgando que êle tivesse fugido do dono, mas, de repente, estacou ao ver Zico segurar o cavalo e retirar a sela. Achando aquilo estranho, o menino ocultou-se e vê então o fascinora esconder a sele. Quando êste se afasta, o garôto corre ao lugar. Tira a sela dali e a esconde, por sua vez, em outra parte. Quando Zico, mais tarde, vem procurar a sela, não mais a encontra. Fica meio intrigado, mas, como Rodrigo o chama, trata de se afastar dali o mais depressa possivel. Batista



Biringa e Renato Restier

"TOCAIA"

Producão nacional

E L E N C O :

Maria Rosa	FADA SANTORO
Carlos	CYL FARNEY
Zico	Renato Restier
Mariana	Solânge França
com	
Rodrigo	GRAÇA MELO
Zé Pedro	Fregolente
Chumbinho	João Celestino
Batista (o garoto)	Birunga

Argumento de José B. Tanko e Eurides Ramos — Fotografia e som de Hélio Barroso Neto — Produção Cinelândia Filmes — Distribuição da U.C.B. — Direção de EURIDES RAMOS



Graça Melo e Fada Santoro

compreende que está senhor de um segrêdo terrivel. Nada conta do que sabe, para evitar complicações com aquêles homens perigosos.

O tempo continua sua marcha inexorável. Ninguém parece se dar conta do hediondo crime que ali se cometera. Na venda, certos da sua impunidade, Rodrigo e Zico aguardam novas oportunidades para seus assaltos à mão armada. Certa tarde, ia Maria Rosa conduzindo uma carroça quando encontra Zico no caminho. Êste aproveita o momento para assediar a jovem. Ela o repele, mas Zico se torna ousado, e quer beijá-la à fôrça. A moça se debate e grita por socorro Quis o acaso que passasse por ali um rapaz, que logo intervém e luta com Zico. Pura coincidência, êsse rapaz é Carlos, sobrinho de Zé-Pedro que, estranhando sua prolongada ausência, viera à sua procura. Na luta, Carlos machuca-se contra a roda da carroça e cai ao solo. Zico se afasta raivoso e Maria Rosa, que sentira uma instintiva simpatia pelo seu salvador, trata de ajudá-lo. Carlos fica deslumbrado com a beleza de Maria Rosa e nasce, nesse instante, um sentimento mais íntimo no coração dos dois jovens.

Carlos está hospedado na casa de um conhecido, onde supunha encontrar o tio. Maria Rosa vem vê-lo todos os dias, e o idílio entre os dois floresce ràpidamente. Na venda, ninguém suspeita das contínuas ausências de Maria Rosa, que arranja sempre um pretexto para se encontrar com Carlos. Êste, assim que se restabelece do ferimento recebido, continua as suas pesquisas, sempre intrigado com o misterioso desaparecimento do tio. Carlos vem a saber que "Chumbinho" — um tipo das redondezas — certa vez havia dito na venda de Rodrigo que Zé-Pedro havia recebido bom dinheiro numa fazenda. Na venda, estavam apenas Rodrigo, Zico e Mariana. Carlos lembra-se da luta que tivera na estrada em defesa de Maria Rosa. Suas suspeitas voltam-se para o sinistro Zico. Resolve ir à venda apurar melhor os fatos. Andava também por ali um sargento empenhado em acabar com o banditismo no sertão. Vem a saber do desaparecimento de Zé-Pedro, e acompanha o rapaz em suas investigações.

Na verdade, Carlos defronta mais uma vez Zico. Trava-se uma luta tremenda entre os dois homens. Na luta, cai do bôlso de Zico um relógio. Carlos reconhece o relógio do tio. O sargento e Carlos apertam Zico. Êste dá uma desculpa... diz que comprou o relógio de um empregado de uma fazenda. Carlos e o sargento, dispostos a apurar a verdade, intimam Zico a ir com êles, no dia seguinte, à tal fazenda, para obter o testemunho do empregado que lhe vendera o relógio. Mas Zico tem um lampejo sinistro no olhar. Quando os dois se afastam, êle também toma um determinado rumo. Mais tarde, quando Rodrigo lhe faz ver o perigo que representava o depoimento daquele homem de quem Zico dissera ter comprado o relógio, o bandido sorri com crueldade... "Não se preocupe... o homem não falará mais... Já não é dêste mundo..."

(Cont. na pág. 27)

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

MENOS ANÚNCIOS SENHORES

Ao tempo do Departamento de Imprensa e Propaganda, quando a censura se fazia presente a tôdas as atividades radiofônicas, alguém lembrou-se de limitar o número de textos a serem lidos durante os intervalos. Como a Divisão de Rádio, naquele tempo, tinha mão de ferro, as emissoras esmeravam-se no cumprimento da determinação. Algumas, por sinal, passaram a cronometrar os textos, a fim de não cairem no desagrado do poderoso capitão Dutra de Menezes que, à essa altura, dispunha dos prefixos a seu bel prazer...

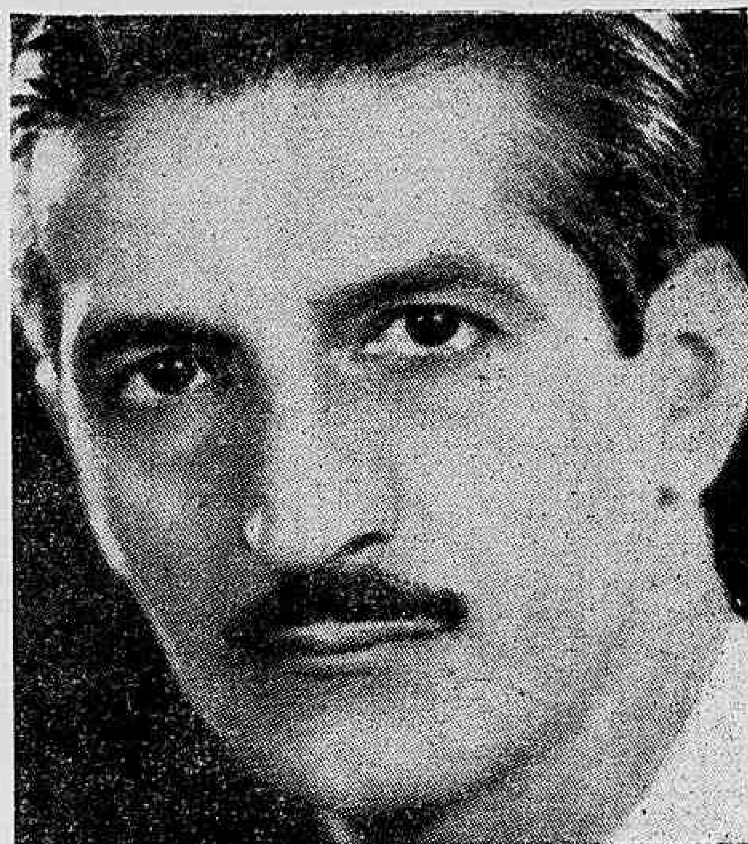
Mas, veio o 29 de outubro... Silvino Neto conseguiu segurar uma cadeira no legislativo carioca. Dona Sagramor de Scuvero viu-se reeleita no difícil páreo de 3 de outubro. Ari Barroso, apesar das suas flamenguices e de seus inspirados sambas, perdeu a vereança. João de Freitas, com seu superlotado "Bazar de Novidades", empoleirou-se na "Gaiola de Ouro". Carlos Frias, por sua vez, teve seu nome sufragado nas urnas pela maioria de fãs do "Boa-noite para você", logrando ser companheiro de bancada de Tito Livio. As estações, por sua vez, livres do contrôle oficial, começaram a exceder-se... exceder-se... exceder-se, não tardando em cair no abuso. Iniciaram, então, a temporada do anúncio que, convenhamos, lhes garante a sobrevivência. Acontece, porém, que tudo tem limite. Menos os textos de publicidade. Êstes, nos prefixos cariocas, passaram a constituir calamidade. Interessadas em apurar o máximo oferecendo o mínimo, as estações dedicam seu maior tempo à transmissão de anúncios. Dessa maneira, não raro, ouve-se cinco minutos de propaganda para três de música. Principalmente, agora, quando o "jingle" é o prato número 1.

A distribuição de espaço está a exigir melhor eqüidade. Não basta azucrinar os ouvidos do radiouvinte com as excelências dêste ou daquele produto. Uma apresentação equilibrada trará resultados mais positivos para o próprio anunciante e não cansará o senfilista.

CINCO NOTINHAS, APENAS

Mazzaropi vinha distraido. Mas, distrair-se na Praça Mauá é perigoso. Principalmente, quando se tem de atravessá-la. E' que os motoristas, preocupados com o velocímetro, não se interessam pelos pedestres. Daí, o "caipira" das Associadas ter aparecido na tevê com o braço todo engessado. Mazzaropi, apesar das dores provocadas pela fratura, conseguiu arrancar boas risadas dos sintonizadores da PRG-3, contando seus "causos" e suas histórias. ★ Zezé Fonseca retornou ao radioteatro, a fim de viver uma das figuras mais curiosas do mundo das letras. Coube-lhe, por indicação de Júlio Atlas, interpretar a irrequieta George Sands. Coadjuvando-a nesse importante desempenho está, entre outros, Urbano Lóes que, dêsse modo, volta a participar dos espetáculos de teatro-cego, dos quais se encontrava ausente desde seu ingresso na Rádio Mayrink Veiga. "Os amôres de George Sands" marca, portanto, o reaparecimento de duas grandes figuras na arte de dizer. ★ Ratinho, por não comungar do credo de Jararaca, desfez a dupla. Andou, então, defendendo-se pelos circos suburbanos até ver em que pairavam as modas... Vitor Costa, porém, sabendo-o no desvio, ofereceu-lhe um contrato. Ratinho passou a mão no saxofone, meteu a caneta tinteiro no bôlso e foi procurar o atual diretor da PRE-8. Hoje, êle não necessita exibir-se nos "mambembes". E' exclusivo da Rádio Nacional. ★ Dionisio Azevedo fazia radioteatro nas "associadas" bandeirantes. Por sinal, os críticos conferiram-lhe o título de "o melhor de 1950". Sabedora disso, a Tamoio foi buscá-lo para seu "cast", incluindo-o entre os valores de que dispõe. Luis Quirino, por sua vez, confiou-lhe o principal desempenho de "No crepúsculo da vida", novela que a PRB-7 transmite às terças, quintas e sábados, no horário das 20,30. ★ Raul Brunini está de volta. Mais gordo, ótimo aspecto físico e nova cabeleira. Nada faz lembrar aquêle Raul que vimos num leito de hospital, a pagar a "barbeiragem" de um motorista desalmado. O restabelecimento de Brunini constitui, para todos nós, motivo de satisfação.

OPINIÃO



BERLIET JÚNIOR
o rádio-teatro abdica...

Vocês conhecem Berliet Júnior. Desde os áureos tempos da Cruzeiro do Sul, quando o rádio atravessava a fase embrionária, que êle colabora ativamente para o alevantamento dos programas radiofônicos. Criou, nas emissoras cariocas, o chamado "teatro policial". Trouxe, ainda, para os microfones guanabarinos, as deliciosas lendas árabes, as quais, mais tarde, reuniu em volume. Hoje, Berliet Júnior responde pelo êxito do policial apresentado pela tevê. Por êsse motivo, aqui está sua opinião sôbre a maior maravilha do século. Leiam-na:

— A televisão, em surtos surpreendentes, começa a impressionar a fundo o pensamento público universal. Maravilhoso aspecto de arte entregue a coletividade, permitindo a tôdas as classes sociais, diversões as mais variáveis possíveis. O radioteatro, abdica, entregando ao "écran" de um televisor, seu reinado de quase vinte anos. A reportagem televisada leva, num instante maravilhoso de objetividade, os acontecimentos palpitantes e de extraordinário interêsse coletivo. O cinema vai à casa do cidadão sem ônus e sem problemas de condução. Os valores novos de uma geração estão sendo arregimentados para a deslumbrante tarefa de levar à sensibilidade dos povos, o produto de sua inspiração artística.

O Brasil, na América do Sul, se adianta nesse setor, dando uma demonstração concreta de sua capacidade de iniciativa e de progresso. Falam na morte do cinema. A indústria do cinema continua firme, pois ela é uma contribuição inestimável para a própria televisão. Coisas admiráveis serão feitas na oitava arte.

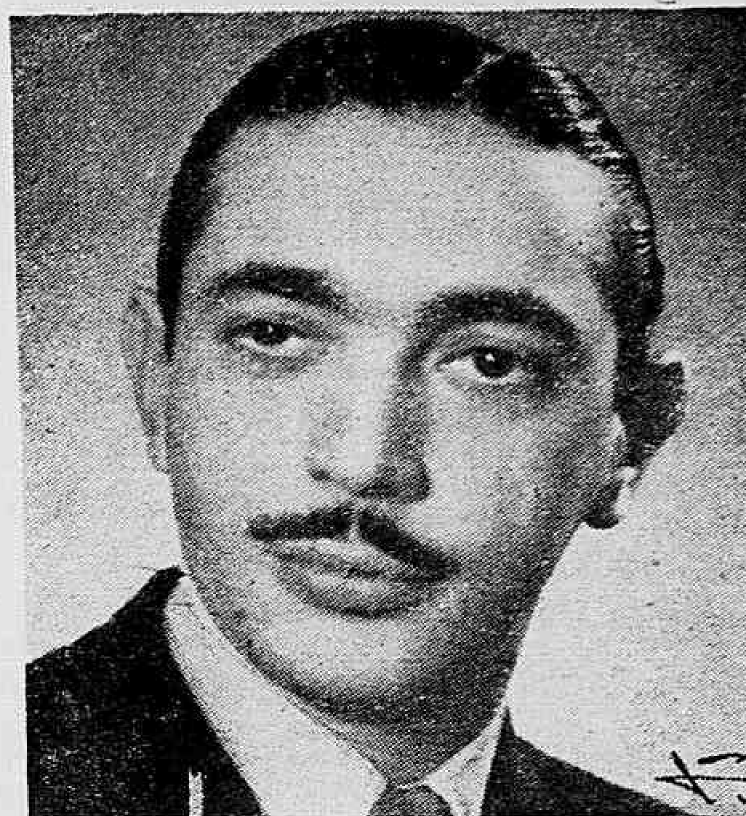
Teatro, cinema, revista, conferências de todos os aspectos culturais, a educação das massas, serão eficientemente conseguidos pelos olhos, quando até então eram feitos pelo som.

DE QUINTA A QUARTA-FEIRAS

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
PROGRAMAS	PAUSA PARA MEDITAÇÃO Rádio Mayrink Veiga	Quintas-feiras, no horário das 20.15
	PARADA DE EMOÇÕES Rádio Globo	Sextas-feiras, a partir das 21.35
	MOMENTOS TUPI Rádio Tupi	Todos os sábados, depois das 14.30
	CLUBE DO GURI Rádio Tamoio	Domingos, com inicio às 11.00
	ESCOLA PARA MARIDOS Rádio Nacional	Segundas-feiras, no horário das 21.35
	RESENHA ARTISTICA Rádio Roquete Pinto	Tôdas as têrças-feiras, às 21.35
	PRESENÇA DA POESIA Rádio Ministério	Quartas-feiras, a partir das 21.30
NOVELAS	A PASSAGEIRA SEM DESTINO Rádio Globo	Têrças, quintas e sábados, às 20.30
	UMA CANÇÃO DENTRO DA NOITE Rádio Nacional	Têrças, quintas e sábados, às 13.00
	OS AMORES DE GEORGE SANDS Rádio Mayrink Veiga	Têrças, quintas e sábados, às 21.00
	NO CREPÚSCULO DA VIDA Rádio Tamoio	Têrças, quintas e sábados, às 20.30



ZEZÉ FONSECA
Uma grande George Sands



RAUL BRUNINI
Mais gordura... Mais cabelos...

FORA DAS ONDAS...

GATUNOS À ESPREITA, SENHORES — Rai do Amaral, escrevendo a propósito do plágio em nosso "broadcasting", faz esta revelação: "Mas há os plagiadores sabidos. Os plagiadores que plagiam apenas a idéia. E' muito comum isso nas emissoras. Exemplos: uma estação lança "Honra ao Mérito", outra lança "Arco do Triunfo". Exatamente a mesma idéia, com dois tratamentos diferentes. "Repto aos Enciclopédicos" e "Desafio aos Catedráticos". Novela sertaneja e teatro sertanejo, etc., etc. De tão comuns êsses plágios não escandalizam ninguém. Nem mesmo aos próprios plagiadores. E a vida continua...

Mas há agora uma nova espécie de plagiador em nosso Rádio. Um plagiador que não teme nada, porque realiza o plágio antes da idéia ser conhecida... São os que esticam as orelhas para tudo que ouvem nos corredores das emissoras e quando "descobrem" uma grande idéia... — dos outros — tratam de colocá-las imediatamente no ar., E o pai da idéia que vá às favas! Êle que prove a paternidade. Perfeitos e acabados "amigos da onça", êsses plagiadores.

Em vista dos cuidados que agora redatores e programadores tomam para não serem roubados, o plagiador sabido estuda a maneira de vencer a natural reserva que êles apresentam, quando se começa a falar em novas idéias. Se é alguém ligado ao anunciante, começa por dizer que precisa de "dados mais positivos sôbre o programa", para transmiti-lo ao futuro patrocinador. Se o "pato" cai e revela o jôgo, o plagiador, obtido o material, trata de raspar-se de fininho, apresentando na primeira oportunidade como sua última criação."

O REALISMO NO RÁDIO — O "realismo" no rádio depende do que escutamos pelo alto-falante.

A importância dos efeitos sonoros numa produção de rádio pode ser comparada à dos cenários na montagem de uma peça teatral. Qualquer efeito acústico, que não seja produzido pela voz dos atores ou pela música, requer um determinado efeito imitativo. Cêrca de três-quartas partes de tôdas as produções de rádio nos Estados Unidos requerem os serviços técnicos de peritos em efeitos sonoros, isto é, profissionais treinados na "criação" de sons interpretativos, do ruido de uma chuva ao chiar do vapor de uma locomotiva.

A aparelhagem empregada por èsses técnicos para a produção dos efeitos sonoros consiste de objetos comuns usados com certa originalidade. Para imitar o som do fechar de uma porta, o melhor é usar uma porta mesmo; entretanto, para se reproduzir o ruido da erupção de um vulcão, usa-se um globo de borracha, cheio de ar, tendo dentro uma porção de chumbo de caça. Quando se repuxa a bola, os chumbos produzem dentro um som semelhante ao das erupções, o qual é grandemente amplificado pelo microfone. Muitos dos aparelhos de reprodução de efeitos sonoros constituem invenções bem engenhosas, outros são objetos correntes — um pedaço de celofane ou um mero caixão.



CARMEN PIMENTEL
Cr$ 12.500,00 de prêmios

BIOGRAFIA SINTÉTICA — Maria Carmen ou Carmen Pimentel, são dois nomes distintos de uma só pessoa. Com o primeiro, inscreveu-se no grande concurso de calouros organizado por Almirante, conquistando um honroso primeiro lugar, além de dez mil cruzeiros de prêmio, um contrato de seis meses na Rádio Nacional e uma gravação na Odeon. Da PRE-8 saiu para a Ministério da Educação, onde participou do programa "Lira do Povo" pelo espaço de setecentos e trinta dias. No decorrer de 1947, como Carmen Pimentel, concorreu ao "Prêmio Lorenzo Fernandez", instituido pelo programa "Artistas Novos do Brasil". Com a interpretação de "Noturno" levantou o prêmio, recebendo dois mil e quinhentos cruzeiros, além de agradável convite para atuar na Roquete Pinto. Voltou-se, então, para a música lirica, figurando na temporada de 1948, quando, ao lado de Gigli, cantou a "Cavalleria Rusticana". No ano seguinte, fêz a "Princesa", de Soror Angélica, como integrante do "Teatro Experimental de Ópera". Brilhou em 1950 no "Rádio-Teatro Lirico", cartaz da PRD-5. Neste 1951, independente de pertencer ao "cast" da Rádio Jornal do Brasil, Carmen Pimentel está no elenco da "Temporada de Arte Nacional", cabendo-lhe cantar "Falstaff", "Soror Angélica", "Cavalleria Rusticana" e "Boris Godunoff".

Maria Carmen ou Carmen Pimentel é solteirinha da silva, nasceu no Distrito Federal e possui o curso do Conservatório Brasileiro de Música.

FRED ZINNEMANN

(Cont. da pág. 14)

Por êsse tempo, o som passava para a tela, de modo que Zinnemann partiu para a América em princípios de 1929 com a idéia de estudar a nova técnica sonora em seu solo pátrio, isto é, Hollywood. Levava uma carta de apresentação para um executivo, mas embaraçosamente pouco dinheiro. Por felicidade obteve um emprêgo de extra durante três semanas, apresentando-se como um soldado alemão em ALL QUIET ON THE WESTERN FRONT de Lewis Milestone.

Em seguida, conheceu Berthold Viertel, um dos mais importantes diretores na Europa, que se encontrava no momento em Hollywood. Não só Zinnemann arranjou o lugar de assistente de Viertel, como também, ajudando na fotografia e nos cortes, adquiriu por assimilação muita coisa das técnicas básicas da profissão que escolhera.

O interêsse ardente de Zinnemann pelo drama inerente à vida real, tornou-o um dos primeiros adeptos do que hoje se conhece como trabalho documentário. Por causa de seu interêsse no assunto, veio a conhecer Robert Faherty, pai do filme documentário, e foi premiado com a oportunidade de trabalhar como seu assistente num filme que ia fazer na Rússia, sôbre a vida de uma tribo pouco conhecida. Durante seis meses Flaherty e Zinnemann ficaram em Berlim, discutindo todo aspecto da película que iam filmar, enquanto negociavam com o govêrno soviético. Finalmente, o projeto veio abaixo, pois não foi possivel chegar a um acôrdo com os russos.

Voltando a Hollywood, aceitou um emprêgo de apontador de filmagem, a fim de ganhar alguma coisa. Enquanto trabalhava nesse ofício, conheceu alguns titulares do govêrno mexicano que se mostravam interessados em fazer um filme sôbre seu país. Zinnemann recebeu do produtor Paul Strand o encargo de dirigir êsse trabalho, e durante um ano viveu e trabalhou na praia, perto de Vera Cruz, com um cast de mexicanos. O filme se chamava THE WAVE, e foi o primeiro maior trabalho documentário.

Apesar do retumbante êxito da fita, quer artístico, quer financeiro, Zinnemann só pôde conseguir emprêgo um ano e meio depois. O certo é que o filme só deixou o México um ano após seu término, de modo que ninguém em Hollywood podia ter uma idéia da capacidade de Zinnemann.

Finalmente, Jack Chertock, então diretor do Departamento de «Shorts» da Metro-Goldwy-Mayer, viu THE WAVE e ofereceu a Zinnemann o cargo de diretor de temas curtos. A estréia de Zinnemann foi um assunto sôbre o cachorro «Seeing-Eye». Depois, fez um filme sôbre a vida de um cientista negro THE STORY OF DR. CARVER.

O terceiro filme de curta metragem de Zinnemann, THAT MOTHERS MIGHT LIVE, a história do Dr. Semmelweiss, ganhou o Prêmio da Academia para temas curtos em 1938, e embora a Metro-Goldwyn-Mayer o houvesse conservado trabalhando a maior parte nos filmes pequenos, ela lhe deu um contrato para filmes regulares de sete anos.

Em 1941, Zinnemann dirigiu sua primeira maior produção, KID GLOVE KILLER, seguido no ano seguinte por EYS IN THE NIGHT. Seu maior sucesso durante êsse tempo foi THE SEVENTH GROSS.

Em 1946, conheceu o produtor suiço Lazar Wechsler, que na ocasião visitava Hollywood. Duas das películas de Wechsler., THE LAST CHANCE e MARIE LOUISE, estavam obtendo sucesso estrondoso, e o produtor e o diretor descobriram que ambos tinham muita coisa em comum. Discutiram a possibilidade de fazer um filme na Alemanha sôbre creanças deslocadas.

Antes de partir para a Europa, Zinnemann fez conhecimento com um jovem ator, Montgomery Clift, e falou-lhe da necessidade de um soldado americano, como um dos personagens principais da história. Clift ficou entusiasmado com a idéia, e quando Zinnemann lhe escreveu da Europa, Clift aceitou o papel de soldado em THE SEARCH.

Está fora de dúvidas que THE SEARCH muito contribuiu para as carreiras tanto de Fred Zinnemann como de Montgomery Clift. Lançou Clift no estrelato e deu a Zinemann o primeiro Prêmio para Diretores cinematográficos, bem como outros prêmios e citações de várias organizações.

De volta a Hollywood, Zinnemann encerrou seu contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer dirigindo ACT OF VIOLENCE. Embora pudesse continuar com outro contrato mais vantajoso, preferiu trabalhar individualmente, independentemente, como o fez em THE MEN e TERESA.

Na sua vida particular, Zinnemann é um homem calmo e despretencioso. Durante seus primeiros dias em Viena, seus amigos sempre o classificavam como um sujeito interessado em «música, mulheres e alpinismo — na ordem da preferência.» Ainda ama à música, e geralmente passa as férias nas montanhas.

A 9 de outubro de 1936, casava-se com Renée Bartlett, e hoje vivem em Santa Mônica, California, com seu filho Timi, nascido em 26 de maio de 1940.

Devido a seu passado de grande viajante, seus trabalhos em outros países e uma queda natural para línguas, Zinnemann domina tão bem o inglês quanto o alemão, línguas seguidas pelo francês e pelo espanhol, possuindo bons conhecimentos do polaco.

Tem aproximadamente 1m70 cms. de altura e 61 quilos de pêso, e possui olhos azuis e cabelos castanhos.

Há mais ou menos vinte anos que lida com a indústria cinematográfica, tendo trabalhado como «cameraman», cortador, diretor-assistente, apontador de filmagem e diretor.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

SENSACIONAL!
EM 1950
SO' FUTEBOL
EM 1951
FUTEBOL
E TODOS ESPORTES
AMADORISTAS
★ ESTATÍSTICAS
★ FOTOS DOS CAMPEÕES
★ COMENTÁRIOS DE TÔDAS AS TEMPORADAS
★ HISTÓRICOS
ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado
BREVE EM TÔDAS AS BANCAS

NELSON GONÇALVES

(Cont. da pág. 11)

então que se transferiu, com armas e bagagens para a Nacional, onde permaneceu cinco anos, sendo neste periodo eleito "Rei do Rádio". Mas, no fim do ano de 1950, Nelson Gonçalves voltava ao ninho antigo, a veterana A-9, Mayrink Veiga, onde agora saiu para esta "tournée" continental. Mas, não se assustem as fãs de Nelson Gonçalves, pois soubemos que quaisquer que sejam os resultados da excursão, êle aqui estará de volta antes do fim do ano.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

TOCAIA

(Cont. da pág. 32)

Batista, o garôto, não podendo guardar por mais tempo o seu segrêdo, conta a Maria Rosa o caso da sela que êle escondera. Esta corre imediatamente a relatar tudo a Carlos. Seguindo a nova pista, o rapaz vai com o garôto ao lugar onde estava escondida a sela, e reconhece-a como pertencendo ao cavalo de seu tio. Não havia mais dúvida. Todos os indícios se acumulam contra Zico, que vê sua situação perigar de momento a momento, ainda mais que o sargento parece estar de posse de tôda a trama. Zico faz ver, então, a Rodrigo que precisam livrar-se de Carlos. Além disso, o rapaz andava de namôro com Maria Rosa...

Ao ouvir isso, Rodrigo, que não desistira dos seus intentos em relação à jovem, freme de raiva e resolve, com seu comparsa, preparar uma tocaia para assassinar Carlos. Mas o atentado falha e Rodrigo faz tudo para que Zico seja colhido nas malhas da justiça, afastando de si próprio qualquer suspeita em relação à morte de Zé-Pedro. Zico percebe suas intenções e o ameaça. Se êle fôr prêso, contará tudo à polícia... os crimes de Rodrigo... acobertados pela sua aparência de comerciante honesto e respeitado por todos. Rodrigo nada diz. E, naquela noite, mais uma vitima tomba ao solo. O próprio Zico. Rodrigo o eliminara friamente, para se ver livre de um cúmplice incômodo.

Mariana, que desconfia das intenções de Rodrigo em substitui-la por Maria Rosa, tem com êle uma violenta discussão... uma das muitas que vinham tendo naqueles últimos tempos... E, no auge da cólera, ameaça denunciá-lo... contar tudo a respeito do crime que cometeram juntos, anos atrás... da morte de Zé-Pedro... de Zico... de outros mais. Rodrigo enfurece-se e suas mãos possantes agarram o pescoço de Mariana, disposto a estrangulá-la.

Neste momento, chegam à venda para procurar obter certas informações de Rodrigo — de quem já andavam suspeitando — o sargento, Carlos e "Chumbinho". Rodrigo, ao ver-se surprendido, procura vender caro a sua vida. Faz fogo, e a bala vai ferir mortalmente Mariana. Trava-se uma luta terrivel na venda. Rodrigo acaba sendo justiçado como castigo a todos os seus medonhos crimes. Para Maria Rosa, o desfecho trágico dos acontecimentos é uma surprêsa dolorosa. Fôra então o seu próprio pai o assassino do tio de Carlos? Ela, que já amava o rapaz, não vê outro caminho senão renunciar a êsse amor. Carlos sente também uma perturbação terrivel nos seus sentimentos amorosos, ao saber de tôda a verdade. Maria Rosa prepara-se para deixar aquêle lugar maldito...

Mariana, porém, nas vascas da agonia, conta a Carlos a verdade... Não... Maria Rosa não era filha dela e de Rodrigo... Êles a haviam recolhido, na estrada, anos atrás, quando assaltaram um viajante... Maria Rosa ignorava a sua origem... Ao ouvir essa revelação, Carlos sente uma alegria imensa. Nada mais poderia impedir sua felicidade. Corre para a estrada. A carroça de Maria Rosa já vai longe... Mas êle grita por ela e consegue alcançá-la... para reiniciar, ao seu lado, uma vida livre daquele sinistro ambiente de crimes!

Publicidade para a

REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA DA CONCEIÇAO, 58 — 1º ANDAR — SALA, 102 — FONE 36-6718

CORREIO DO FÃ

JOÃO CARLOS ROSSB — Pôrto Alegre, R.G. do Sul — As informações que você pede, podem ser encontradas no «Tratado de Realisación Cinematográfica», de Leon Kulechov ou «Essai de Grammaire Cinemotographique», de André Berthomier. O primeiro livro poderá custar de 120 a 150 cruzeiros; o segundo, uns 30 cruzeiros. Ambos são muito bons, e você poderá encontrar ali ótimas informações sôbre cinema, como deseja. Caso não encontre os livros citados, aqui vai uma explicação rápida sôbre as suas perguntas:

Produtor — é o homem que financia o custo de um filme, cabendo-lhe escolher os artistas, o argumento, os técnicos e o diretor. Exerce, sem dúvida, muita influência sôbre a estrutura geral do filme. Repare, por exemplo, como as produções de Jerry Wald, da Warner, e Hall Wallis, da Paramount, merecem um tratamento especial e seus filmes são, geralmente, de linha e nível mais elevado.

Cenarista — é o homem que adapta o argumento original para uma linguagem cinematográfica. Transforma as mais intrincadas situações, muitas vêzes expostas em diálogos, em imagens, que são a verdadeira expressão do cinema. Há bons e maus cenaristas, e, muita vez, um diretor não pode conseguir um bom filme devida à deficiência do cenário. Isto significa que a cenarização é um dos pontos mais importantes na realização de um filme e, quiçá, dos mais difíceis.

Cameraman — é o homem que, como diz a palavra, lida com a câmara. Movimenta-a segundo as instruções do diretor de fotografia. Êle tem obrigação de conseguir os ângulos exigidos pelo fotógrafo, subordina, por sua vez, ao diretor do filme.

Iluminador — é o homem que se especialisa a iluminar uma cena, obter os efeitos desejados e impostos pelo «script». Um bom iluminador, estuda o «decor» de um relance e já sabe, de antemão, quais os refletores que devem ser usados em determinados «sets», quais as suas colocações, etc., a fim de obter um resultado satisfatório. O diretor de fotografia é, geralmente, o próprio iluminador. E' êle quem ilumina e enquadra as cenas. O cameraman apenas filma-as.

Montagem — Uma película é filmada em pedaços. A soma dêsses pedaços é o que se chama montagem. O corte está implicado nessa montagem, retirando-se os pedaços desnecessários, as sobras, por assim dizer. Um dos fatores mais importantes num filme é, sem dúvida, a montagem, pois é dessa união de cenas que resultará o filme completo, dando-lhe ritmo, continuidade, proporcionando assim a lógica e o andamento da ação. Uma boa montagem pode valorizar muito um filme, como uma péssima montagem pode prejudicar totalmente um filme bem dirigido. Veja-se como exemplo o filme «Strômboli», cuja versão original, montada na Itália, recebeu prêmios e a versão americana, montada na América (e que foi exibida entre nós) foi um desastre. Contudo, isso é inegável, ainda é nos Estados Unidos que se fazem as melhores montagens do cinema. Um bom diretor faz questão, êle prôprio, de supervisionar a montagem de seu filme, conservando-lhe o rítmo imprimido nas cenas, visto que há dois rítmos, num filme: o interior (adquirido durante a filmagem) e o exterior (obtido, posteriormente, na montagem).

Doublagem — é a gravação posterior de vozes que se fazem às filmagens. Em muitas cenas dialogadas decorridas em ambientes de exterior, os diálogos são gravados, depois, no estúdio, para que sáia mais perfeito. Atualmente, êsse sistema é pouco usado, pois já existem aparelhos próprios para captar o som no próprio local de ação. Contudo, utiliza-se o processo de doublagem para filmes cantados, sendo que uma estrêla canta com a voz de uma cantora. Há muitos casos assim, no cinema. Como exemplo, vamos citar os recentes filmes de Larry Parks, onde a doublagem é das mais perfeitas, sendo que os lábios do ator coadunam perfeitamente com a voz do próprio Al Jolson. Entendido?

Mixagem — Num filme, existem três trilhas de som: os diálogos, a música e os ruidos especiais. Cada trilha dessas é gravada isoladamente e a junção das três num só trilha é o que se chama mixagem. Trabalho dificil e que requer especialização, dessa união perfeita é que resulta o sucesso sonóro de um filme.

Em verdade, cada explicação de uma dessas palavras, daria para um artigo de muitas páginas. Mas aí fica, embora muito vagamente, uma idéia a respeito de cada uma, elucidando, não só a você, João Carlos, como a muitos leitores interessados, esclarecendo-os sôbre a significação exata de cada uma. Só isso? Apareça quando quiser.

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a: Correio do fã» — Redação de «A Cena» — Rua Visconde Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal



A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O QUE VAI PELA BROADWAY

Por JACKSON FLORES

NEW YORK, abril, 1951. — Em 1937 um jovem novaiorquino pôs a cidade em polvorosa, quando se decidiu a pular do décimo quarto andar do edifício do Hotel Gotham. A 20th Century Fox baseando-se nesse episódio da vida real está apresentando na tela do cinema Astor "14 Hours", com Richard Basehart, Paul Douglas e Howard da Silva. "14 Hours" é um dos filmes mais excitantes e vestiginosos que me tem sido dado a assistir nesses últimos meses. Besehart que é um dos bons atores novos de Hollywood, têm nesse filme uma magnífica interpretação do jovem suicida e Paul Douglas dá-nos um trabalho honesto na pele de um polícia. O diretor do filme merece grande parte do crédito pela excelente direção que soube imprimir a essa película, onde há cenas que provocam verdadeiras vertigens no espectador.



No cinema Capitól a Metro esta apresentando "Three Soldiers", baseado em histórias de Rudyard Kipling e estrelado por Steward Granger, Walter Pidgeon e David Niven. Êsse filme conta as aventuras de 3 soldados do exército de Sua Majestade na Índia, onde se percebe o evidente desejo de repetir o sucesso logrado com "Gunga Din", que contava com Douglas Fairde boas situações e movimentação que caracterizaram as aventuras apresenbanks Jr., Garí Grant e Victor McLaglen. "Three Soldiers", porém, carece tadas em "Gunga Din". A interpretação de Stewart Granger, onde se encontra vestígios da personalidade de Gray Grant, não compromete e Walter Pidgeon num papel discreto, evidencia que a sua época já passou. No palco, Marie McDonald (the body) não põe à amostra nenhuma polegada daquilo que lhe vale o apelido famoso e canta sem convencer 3 ou 4 canções. A orquestra de Russo Morgan completa o show no palco.



Descendo a Broadway, vou encontrar no cinema Paramount o popular Bob Hope no filme "Lemon Drop Kid", estreado essa semana. Filme de Bob Hope, por peor que seja, sempre atrae multidões ao cinema. Essa comédia, porém, não sendo a melhor que Hope já apresentou, constitui-se, todavia, num agradável passatempo que os fans receberão com prazer. Ainda no filme que conta as peripécias de Bob Hope como um "bookmaker" de corridas de cavalo, estão Marilyn Maxwell e Lloyd Nolan. No show do palco, provocando confusões e desmaios, está o novo sultão da voz Mr. Billy Eckstine. Hugh Winterhalter e orquestra fornecem o "background" musical.



No Rádio City Music Hall, Fred Astaire está de volta em "The Royal Wedding", com Jane Powell e Peter Lawford. Fred que já anunciou diversas vêzes o seu desejo de encerrar a sua carreira cinematográfica, está melhor do que nunca, especialmente numa cena em que sapateia pela parede do quarto acima. Jane Powell, miúda e graciosa, canta algumas novas canções e faz romance com Peter Lawford. Até hoje não consegui entender como e porque Peter entrou para o cinema.



"Bird of Paradise" com Jeff Chandler e Debra Paget e "Up in the Front" com Tom Ewell, são as estréias dos cinemas Roxy e Low's State. "Bird of Paradise" passa-se nos mares do sul e é colorido. Não necessito dizer mais nada. "Up in the Front" comédia baseada em dois tipos criados pelo cartonista William Mauldin, apesar de ter recebido os aplausos da crítica, não deverá provocar interêsse no Brasil.

Recomendo aos leitores não deixarem de assistir quando forem exibidos no Brasil, os filmes "14 Hours" com Richard Basehart e Paul Douglas e "The Royal Wedding" com Fred Astaire e Jane Powell.



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

O PREÇO DE UMA VIDA

(Salt to the Devil — Eagle Lion)

Baseado num cenário de Ben Harzman (extraído do livro «Christ in Concret», de Pietro di Donato) Edward Dmytryk nos dá, com êsse trabalho, um dos melhores filmes dos últimos tempos. Semelhante, tanto na forma como no conteúdo, ao famoso e consagrado «Ladrões de Bicicletas» de De Sica, «O Preço de Uma Vida» aborda também o problema do desemprêgo. A história de Geremio, pedreiro americano de ascendência italiana, que vivia em Brooklyn, New York, é uma história singela, simples, que Dmytryk conseguiu humanizar diante de nossos olhos. Embora tenha transcorrido numa época de depressão, não está longe de acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar do mundo, dado o caráter internacional que foi imprimido à obra. Antes mesmo de focalizar os problemas da profissão do pedreiro e as dificuldades em se obter um emprêgo, o filme focaliza de perto uma história de amor, uma dessas histórias onde o amor adquire mais poesia e mais encanto, devido as circunstâncias em que se encontra, devido, também, as precárias condições financeiras de seus protagonistas. Mas não é em nada disso que reside o valor do filme. Antes, é o seu conjunto que espelha uma grande verdade — uma verdade como só os mestres da câmara conseguem transmitir, com tôda a sua crueza, com todo o seu humanismo, com o calor dos acontecimentos reais. «O Preço de uma Vida» poderá ser exibido hoje ou amanhã, que nada alterará a sua atualidade diante do mundo, diante dêste mesmo mundo que calcula a vida de um homem em algumas moedas, mas que não pode pagar o seu verdadeiro preço àquêles que realmente o estimam e que sentem evidentemente a sua falta. No caso de Geremio, por exemplo, o mundo perde um braço, um braço de pedreiro, cuja vida é soterrada na lama; mas sua espôsa, Anunziata, apesar de receber uma indenização que lhe possibilita comprar a casa desejada, um teto onde se abrigar, sente que jámais lhe poderão restituir o marido, a sua verdadeira vida, a sua verdadeira razão de existir. Sam Wanamaker nos dá um belo trabalho no papel de pedreiro. Lea Padovani, sincera e humana vivendo sua espôsa. Kathleen Ryan, aquela deliciosa criatura de «O Condenado», tem um pequeno papel como o primeiro amor de Geremio. Os demais, Bonar Colleano, Charles Goldner, Bill Sylvester e Nino Pastellides, todos corretos e humanizados pela direção de Dmytryk. Bela fotografia, onde Edward Dmytryk consegue fazer cinema do mais puro entre os andaimes e os tijolos de obras em construção ou em demolição. Magnífica a cena da morte de Geremio. Espetáculo humano e artístico que deve ser assistido por todos.

Cotação artística: 4 — **Cotação comercial: 3**

MEU AMIGO HARVEY

(Harvey — U-International)

Essa película, baseada numa peça teatral de grande sucesso na Broadway, talvez não tenha perdido nada de seu caráter original. Henry Koster, diretor de recursos — às vêzes — não conseguiu ou não pôde dar um caráter cinematográfico à obra, devido ao cenário que conservou, talvez, todos ou quase todos os diálogos originais — e a própria ação se desenrola trancafiada dentro de alguns «sets». Contudo, Koster consegue humanizar os artistas e confraternizá-los com o público. Sua intenção, como a da autora do «script», foi fazer rir. Mas, fazendo rir, Mary Chase deixa escapar, através os lábios de Elwood P. Down tôda a sua filosofia de compreensão e simpatia, de confraternização humana. Foi preciso que ela se utilizasse de um tipo desajustado, psicològicamente, pelo alcool, para que pudesse dizer o que lhe ia no íntimo. Do contrário, talvez zombassem dela. Dessa forma, ao contrário, o público ri — e ri muito — mas há momentos em que o riso nos sufoca a garganta e nos faz raciocinar e nos faz tirar o chapéu para cumprimentá-la. Seu humorismo é contaminado por uma ironia e uma sátira delicada. Delicada demais para que se possa considerar uma afronta à sociedade. E as situações que ela cria são de tal forma inteligentes que nos parecem naturais pela espontaneidade com que surgem. Os tipos criados nós os encontramos por aí, em qualquer canto, mas, creiam, êles nos passam despercebidos. Talvez qualquer de nós mesmo, seja uma daquelas figuras captadas pela autora dentro da própria vida. Mas ela soube torná-las tôdas simpáticas e compreensivas, devido à poesia e a suavidade com que são postas aos nossos olhos, poesia e suavidade tão bem compreendidas por Henry Koster, que nos dá, assim, um espetáculo inteiramente aceitável, um espetáculo, creiam, fora do comum, e que merece, não só pelo seu conteúdo como pela própria apresentação, o nosso aplauso e a nossa admiração.

Cotação artística: 3,1/2 — Cotação comercial: 4

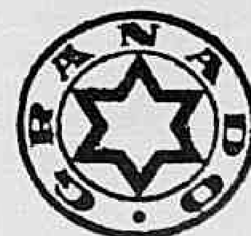
T O R T U R A D A

(The Girl in the Painting — U-I.)

Película regular da produção média inglêsa, sem grandes pretensões e sem, contudo, decepcionar. A direção de Terence Fisher é sóbria, discreta. O cenário é reg., inspirado num original de David Evans, que aborda o drama de refugiados de guerra, amnésia, nazismo enraizado, etc. etc. Mai Zetterling, descoberta em «Tortura de um Desejo» (sueco) nos dá um bom desempenho. Robert Beatty, o galã, correto. Nada de original.

Cotação artística: 2 — Cotação comercial: 2




GINOSEDOL


JOÃO FREY

UM LUGAR AO SOL

(Cont. da pág. 9)

O dia já surgira quando George parou o carro na casa dos Vickers em Bride's Lake. As coisas para êle agora pareciam irreais. Um novo pesadelo parecia haver substituído o outro.

Não se alegrou nem mesmo quando Angela lhe anunciou que os seus pais pareciam começar a *derreter-se*. Agora não mais pareciam opor-se ao casamento. Os dois poderiam anunciar o noivado antes do Natal.

— Angela, — êle disse impulsivamente, — vamos casar agora! Vamos fugir! Agora mesmo!

— Mas, querido, que pressa é essa! — ela sorriu. — Não temos de fazer isso, absolutamente. A mamãe quer um grande casamento. E eu tenho pensado em um. Tôdas as moças desejam isso —ela nunca poderia compreender o que George sentia. — Pronto, chega, não vá ficar amuado novamente. Vamos nadar!

No pequeno cais todos pareciam contentes em vê-los. O tio Charles saudou-o alegremente. O mesmo aconteceu com Mr. Vickers. O seu nome estava em tôdas as bôcas. Tudo parecia maravilhoso. Mas, para êle, tudo aquilo era um pesadelo. George não sabia se sonhava ou vivia e bem que pensou de si para consigo que tudo não passava de um sonho e que novamente se encontrava na missão.

Então, êle ouviu o que dizia o rádio de um bote:

— "*...completa investigação do trágico afogamento de ontem no Loon Lake. Menos de uma hora atrás, o promotor informou à imprensa que diversas marcas no corpo da moça indicavam luta corporal. Um pouco antes, três caçadores depuseram que um rapaz, visivelmente espantado...*" — o barco saiu.

Àquela noite, o sr. Vickers o chamou em particular para conversar sôbre Angela. As suas declarações foram diretas.

— Fui criado numa pobre missão — disse êle. — Cresci junto à pobreza e ao fracasso. Aprendi a odiar a pobreza e temer o fracasso. Amo Angela, porém, acima de tudo. E' êsse o meu passado, Mr. Vickers.

— Admiro a sua franqueza. Isso é uma virtude — respondeu o Sr. Vickers.

Neste momento, Angela entrou, levando George para um passeio. Os dois saíram num carro e Angela, vendo o quanto êle estava sonolento, fê-lo dormir até a noitinha, quando êle acordou e voltaram. Na entrada da casa de Mr. Vickers haviam vários carros, entre os quais dois da polícia. George os viu e o seu coração pulsou mais ràpidamente.

— Você entra — disse êle, finalmente. — Entrarei num minuto.

Mal ela desapareceu, George entrou em seu carro e procurou embrenhar-se na escuridão das árvores. Não tinha dirigido uns cinqüenta metros quando um homem alto e atlético bloqueou o seu caminho.

— O seu nome é George Eastman?

— Sim — respondeu êle hesitante. — Por quê?

— Você descobrirá. Considere-se prêso. Pode descer do carro e voltar, companheiro. Vamos e nada de truques — o homem tinha um revólver em punho.

Voltaram para a casa, onde um homem chamado Marlow, o Promotor Público, os esperava. George lhe pediu para não entrar e Marlow ordenou aos seus homens que o levassem para a cidade.

George foi pôsto na cadeia de Warsaw. De manhã recebeu a visita de dois advogados, Jansen e Bellows, contratados pelo tio. Êle defenderia o sobrinho, no caso de êle ser inocente. Se acaso fôsse culpado, pouco lhe interessava que fôsse enforcado.

George tentou contar-lhes como tinha acontecido. Tentou dar uma impressão do que acontecera, descrevendo como Alice escorregara e o barco virara em seguida. Mas bem sabia que êles não o acreditavam. Nem tampouco um júri o acreditaria.

Mas, pior do que tudo isso, para George, era o fato de que não ouvira nenhuma notícia de Angela. Bellows lhe explicou que Mr. Eastman conseguira fazer com que Marlow encobrisse o nome dos Vickers.

Os jornais exploraram o assunto ao máximo. "*Eastman irá para a cadeira — afirma o Promotor*". — era a legenda de um dêles. Um outro gritava: "*O meu filho é inocente — diz a mãe de Eastman*".

A acusação era assassinio de primeiro grau e o julgamento se iniciou.

— *Malícia premeditada!* — rugiu Marlow. *A sangue-frio!* Alice Tripp amava o réu. Em tempo, a moça lhe implorou para que a levasse para longe e a desposasse. Mas, êle aceitou? *Não!* Ao invés disso, com crueldade e decepção, êle planejou o seu assassinato... e o executou!

Ex-colegas de Alice foram chamadas para depor. Estas atestaram que Alice amava George. A senhoria depos que ouvira as desesperadas súplicas de Alice ao telefone. Os médicos, aos quais êle a havia levado, identificaram o carro. As pessoas que se encontravam no fim da linha do ônibus de Bride's Drive se recordavam de uma briga.

O gerente do hotel onde haviam passado a noite o identificou, além de contar que os registros haviam sido furtados. Os caçadores se lembravam que o intruso de seu campo estava com roupas molhadas. O médico legista jurou que Alice fôra golpeada por algum instrumento chato e se afogara. George sabia o que isso significava. O bote, virando-se, tinha-a atingido e a fizera perder os sentidos. Mas...

O velho que alugara os botes contou que George Eastman assinara com o pseudônimo. Aí ficou Marlow. O seu rosto fulgurava com o triunfo que já considerava como certo. Tinha certeza que o júri lhe dava crédito.

Bellows e Jansen fizeram tudo o que lhes estava ao alcance com a defesa. Não tentaram negar que o seu cliente tratara Alice Tripp pèssima e desonestamente. Mas a acusação era or assassinio e não *pensamento* de assassinio. Entre *idéia* e *ato*, frisaram, existe um mundo de diferença. Quantos do júri poderiam dizer, honestamente, que nunca haviam desejado a morte de alguém? Muitos desejam tais coisas. Se George Eastman não cometera o dito assassinio deveria ser absolvido!

George foi chamado para depor. Êle contou a sua história firme e honestamente. Admitiu que tinha em mente afogá-la.

— Eu não queria pensar em tais coisas, — disse êle, para suavizar a impressão que causara ao júri, — mas não me podia impedi.. Quando estávamos no meio do lago, compreendi que não podia executar o que me ditava a mente. Senti-me envergonhado de tais pensamentos. Foi enquanto estávamos no meio do lago... falando sôbre o que seria a nossa vida. Eu ia mesmo casar-me com ela. Mas ela me acusou de desejar que ela estivesse morta... Eu não estava absolutamente pensando nisso; nesse instante. Não queria que ela morresse. Ela veio em minha direção, da prôa. Disse-lhe que ficasse onde estava. Ela escorregou e começou a cair. Creio que também me levantei...

George parecia viver novamente a cena.

— Tudo começou a rodar. Acontêceu tão ràpidamente... O bote estava no meio de nós. Quando nadei para o outro lado... era escuro e frio. Eu sabia que também afogaria, se acaso ficasse ali. Nadei para fora.

— Por que você não notificou imediatamente o que acontecera? — perguntou Jansen.

— Temi que ninguém acreditasse em minha história.

— Isso foi um êrro, George — então. sùbitamente severo, Jansen indagou: — George, você jura perante Deus que não desferiu nenhum golpe contra Alice Tripp naquele bote? Ou que a tenha jogado dentro d'água?

— Juro que não fiz nada disso. *Juro! Eu não a matei!*

Num interrogatório rápido, Marlow foi destruindo de um a um todos os pontos da história de George. Mesmo com boa-vontade era uma história difícil de acreditar. Alguns policiais trouxeram um bote para o tribunal e George recebeu um pedido para dizer como acontecera o caso, quando o barco virou. Uma secretária tomou o lugar de Alice. Mesmo apresentado sob êste aspecto pareceu estranho.

Marlow, quando terminou a demonstração, encarou triunfantemente o júri.

— Ela estava sentada ali sem defesa alguma! — virando para George, acrescentou: — Você apanhou êste remo e o desferiu impiedosamente na cabeça daquela pobre moça. Então a empurrou e apreciou enquanto o seu corpo afundava.

— Não! — disse firmemente George, mas a sua voz parecia estar perdida no espaço. O som daquele "não", não penetrou nos ouvidos dos jurados. O seu efeito nem mesmo foi notado na assistência.

Aquela mesma noite, êle passou um telegrama: "*Mamãe fui condenado. George.*"

★

O outono tornou-se mais frio. Êle estava sentado na fila dos condenados, com o cabelo cortado curto. Esperava que assim passasse a sua última semana. Sua mãe veio da missão e tentou fazer tudo o que podia. Isso de nada serviu. O governador negou a meter-se no caso.

— A morte é coisa insignificante, George — ela lhe disse, falando a verdade. Acreditava nessa teoria e julgava que o mesmo acontecia com o filho. — Você não a deve temer. Tema sòmente por sua alma imortal.

— Eu não creio que seja culpado em tudo isso, Mamãe. Eu bem que gostaria de saber.

O jovem capelão falou calma e bondosamente.

— Sòmente Deus sabe quais são os nossos pecados.

— Não quero esconder nada. Afinal de contas vou morrer.

— George, — disse o capelão, — quando você estava no lago e o bote virou, houve um momento que você a poderia salvar...

— Eu queria salvá-la. Mas, simplesmente, não pude — suspirou George.

— Em quem você estava pensando exatamente naquele instante? Alice ou...? — a isso George sòmente podia responder com o silêncio. — Então, houve um assassinato... em seu coração.

Já no fim do último dia, antes de sua execução, Angela veio visitá-lo. Levaram-no para a sala de recepção e lá estava ela.

Angela sorria e êle tentou gravar aquêle rosto em sua mente. Não havia nem mêdo nem horror em sua voz, quando ela disse:

— Vim vê-lo porque tenho pensado muito em você, George. Todo êste tempo neguei-me a acreditar na acusação que te fizeram. Mesmo agora não acredito.

Que poderia êle dizer? Faltaram-lhe palavras e êle permaneceu em silêncio.

— Eu o amo, George. Quero que você saiba. Nada mais existe...

George a chamou, quando ela já saia:

— Angela! Agora sei algo que não sabia antes. Sou culpado. De uma porção de coisas. Principalmente do que me acusam — imediatamente se tornara importante que ela soubesse.

Ela se voltou vagarosamente.

— Apesar de tudo, continuarei amando-o. Enquanto eu viver.

George meneou a cabeça.

— Não desejo isso. Apenas me ame durante o tempo que me resta. Então... por favor, esqueça.

— Adeus, George. Nós passamos todo o tempo dizendo adeus... — e ela saiu, sorrindo resolutamente.

George ficou prêsa de seus próprios pensamentos. Chegara à conclusão de que, afinal a vida não era digna de tantos sacrifícios. Mas uma vozinha, do fundo de sua consciência, perguntou se êle agia assim não era sòmente porque não mais podia viver...

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

FLASHES MUNDIAIS

(Cont. da pág. 5)

ITÁLIA

MARIELLA LOTTI, que faz parte do novo grupo de produtores "Nevader-Film", deverá breve chegar ao Rio, onde ultimará os entendimentos com produtores sul-americanos, de um filme que contará com a colaboração de brasileiros e italianos. Mariella estêve recentemente em Punta del Este, onde representou o cinema de sua terra no grande festival de cinema ali realizado.

Melodias para você

FAZENDO BOSSA

Mazurca de Jota Mendonça e Miguel Lima. — Gravação de Manoel Macedo

Mazurca que veio lá da roça
Tá fazendo bossa
Pelas capitá
I quando é noite de S. João
Dança no salão
I pede prá bisá
Puchano o báxo
Toca o dia intêro
Dança no terrêro
I dentro do salão
Eu já vi tudo ocê tem escola
I nem dá bola pro Dr. Baião.

Ai, ai como é bão dançá
Ouvino sempre o toque do ganzá
Pula prá lá pula prá cá
A gente brinca inté o sol raiá
Ai, ai como é bão dançá
Ouvino sempre o toque do ganzá
Cuidado, Zé, não me pise o pé
Respeite a casa do seu coroné.

★

ADEUS À BAHIA

(Canção Caracteristica)

Letra e música de Nelson Vaz. — Gravação de George Fernandes

Adeus, vou deixar a Bahia,
talvez pra não mais voltar,
levando uma saudade imensa
e o coração a chorar...
Adeus, vou deixar a Bahia,
talvez pra não mais voltar...
Mas tenho fé no meu Senhor do Bonfim,
pra que assim como eu vim,
possa um dia voltar...
Caruru, moqueca, vatapá,
Acarajé, efó e abará,
As baianinhas são mesmo assim, oi,
botaram feitiço em mim.
As baianinhas são mesmo assim, oi,
botaram feitiço em mim, oi.

CHUVA MIUDINHA

Baião de Manèzinho Araújo e Fernando Lôbo. Sucesso do Trio Madrigal

Chove chuva, miudinha
qui teus pingo não me móia
donde tem rapaz sorteiro
prôs casado não se óia.

Ai não se óia
não óia, não
se sorteiro é pirigoso
ôi avalie casado intão.

Quem é duente de câimbra
não travessa rio a nado
tô de ôio num moreno
qui caiu no meu agrado
mas preciso ismiuçá
se êle é ou não casado.

★

N U A

Valsa de Benedito Lacerda e Mário Rossi. — Gravação de Gilberto Alves

I

Nua... inteiramente nua,
Garça de lábios risonhos,
Mesmo depois que brigamos
Tu me persegues em sonhos.
Dormes comigo em meu leito
Falas comigo na rua
Andas comigo em meus olhos
Nua... inetiramente nua.

II

Fui teu de corpo e alma,
Fui teu e amei-te como louco,
Dei tudo ao nosso amor
E mesmo assim dei muito pouco.
Porém tu continuas
Sendo a minha devoção
Por fôrça da saudade que deixaste
No meu pensamento
E no meu coração.

O CARTAZ DO MOMENTO



Dalva de Oliveira

CALÚNIA

Samba de Marino Pinto e Paulo Soledad. Gravação de Dalva de Oliveira

I

Quiseste ofuscar minha fama
E até jogar-me na lama
Só porque eu vivo a brilhar
Sim! mostraste ser invejoso
Viraste até mentiroso
Só para caluniar.

II

Deixa a calúnia de lado
Se de fato és poeta
Deixa a calúnia de lado
Que ela a mim não afeta
Se me ofendes
Tu serás ofendido
Pois quem com ferro fere
Com ferro será ferido.

A PEDIDOS

TODO SE ACABA

Bolero de Don Fabian. — Gravação de Gregorio Barrios

En la vida todo se acaba
en la vida todo se muere
y el amor que creimos eterno
un dia se aleja y no vuelve jamás
y quien tiene culpa de todo
de que todo se a tan triste
es la vida que pasa
y se lleva las cosas del mundo
a la eternidad.

II

Te quise
tu no puedes negarlo
y hasta puede jurar
que te amé de verdad,
en la vida todo se acaba
en la vida todo se muere
y el amor que creimos eterno
un dia se aleja y no vuelve jamas.

P E R D I D A

Bolero de Agustin Lara. — Gravação dos Anjos do Inferno

Perdida
Te ha llamado la gente
Sin saber que has sufrido
Con desesperación.

II

Vencida
Quedáste tú en la vida
Por no tener cariño,
Que te diéra ilusion
Perdida
Porque al fango rodaste
Despues que destrosaron
Tú virtud y tu amor
No importa
Que te llamen perdida
Yo le daré ha tu vida
Que destrozó el engaño
Lá verdad de mi amor.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



JACKSON DE SOUSA

JACKSON DE SOUSA, cômico brasileiro, nasceu na cidade do Sapé, Estado da Paraiba, a 27 de julho de 1918. E' filho do famoso ator Modesto de Sousa. Teve experiência teatral desde criança, em circos, espetáculos de variedades etc. Tem também o Curso de Dicção do Liceu Literário Português e foi, durante algum tempo, crítico teatral na imprensa carioca. Sua experiência cinematográfica data de 1946, mais ou menos. Figurou como «extra» em várias produções da Atlântida, e de outras firmas. Em 1948 estreou como coadjuvante em «Fogo na Canjica» e desde então já fez os seguintes filmes: «Quando a noite acaba» (re-intitulado «Perdida pela Paixão», em S. Paulo), «Caminhos do Sul», «Echarpe de Sêda», «Cascalho» e terminou há pouco «Mulher do Diabo», onde vive o melhor papel de sua carreira, como figura principal de uma comédia maluca em que tomam parte outros atores importantes como Laura Suarez, Luís Delfino, Flavinho Cordeiro, e outros. Jackson de Sousa é um profissional consciente: preocupa-se sempre em dar realismo aos personagens que interpreta, fazê-los vivos e consequentes. Acabou de assinar contrato com a Maristela sendo incluido no elenco de «O Comprador de Fazendas», ao lado de Procópio Ferreira.





SARAH CHURCHILL

A filha do ex-premier britânico Winston S. Churchill, que conhecemos como Sarah Churchill, já fez três filmes na vida: o primeiro Na Itália, «A Beira da Perdição», lançado no Brasil pela Art- Films; o segundo na Inglaterra, inédita no Brasil; o terceiro, na América, «Núpcias Reais», na Metro, filme em que tem por co-stars Fred Astaire e Jane Powell. Sarah Churchill, dizem muitos, não é bonita, mas tem uma voz belíssima (pra falar, naturalmente), uma voz que abala qualquer um, uma voz, dizem, superior às de Eleanor Parker, Jean Arthur e Patrícia Neal. Uma voz, well, já é alguma cousa... Meu amigo Tôrres viu-a fazendo umas cenas com Astaire, no set da Metro, e ensaiando umas dansas com o referido «velhinho». E dona Sarah, francamente, é também uma dansarina espetacular, ao que consta. Esperemos «Núpcias Reais», pois. E, enquanto isso, travemos conhecimento com ela através da fotografia que aqui vai publicada especialmente...





JEAN-LOUIS BARRAULT

JEAN-LOUIS BERRAULT nasceu em Paris, França, em 1911. Tem atuado no teatro como diretor e ator. No cinema aparece desde 1935 e seus principais filmes foram: «Les Beaux Jours», «Jenny», «Sous les yeux d'Occident», «Helène», «Mademoiselle Docteur», «Um grande amor de Beethoven», Mirages», «Police Mondaine», «A nous deux Madame la vie», «Familia Exótica», «As Perolas da Coroa», «Mulheres Perdidas» (O Puritano), «Veneno», «Altitude 3200», «La Piste du Sud», «L'Or dans la montagne», «Parade em sept nuits», «Montmartre sur Seine», «La Symphonie Phantastique», «Le Destin fabuleux de Désiree Clary», «L'Ange de la Nuit», «O Boulevard do Crime», «Pa Part de l'Ombre», «Si tu m'aimes», «Le cocu magnifique», «L'Tomme à hommes» e finalmente «Conflitos de Amor» (La Ronde), o grande filme de Max Ophuls distribuido no Brasil pela França-Filmes. Jean-Louis já visitou o Brasil, deu temporadas no Rio e em São Paulo e divide o seu tempo, em Paris, entre o palco e os refletores...



OSWALDO DA CUNHA

CINEMA E MÚSICA

É incontestável o papel preponderante do cinema como meio de difusão. A ciência, a história, as artes, notadamente a música, muito devem pelo que de bem êste tem feito em seu favor. São numerosos os filmes que focalizando a vida de personagens célebres, ignorados geralmente pela grande massa, torna-os conhecidos e apreciados. Na parte que diz respeito à música, inúmeros têm sido os filmes que nos dão a conhecer, embora nem sempre com muita fidelidade, a vida íntima de grandes compositores como Chopin, Schuman, Beethoven, Albeniz, etc. Outras vêzes é apenas a obra dêstes compositores que serve para emoldurar o desenrolar de um drama ou de um romance de amor. Embora êstes filmes nos proporcionem agradáveis momentos para os olhos e para os ouvidos, nem sempre são recebidos pela crítica especializada com a devida atenção, crítica esta que, analisando-os apenas sob o ponto-de-vista puramente cinematográfico, esquece que, além do cinema, está presente também a música, concorrendo infelizmente para que uma grande maioria, sugestionada pela mesma, deixe de assistir a bons espetáculos. Tal é o caso de um recente filme argentino, apresentando em seu conteúdo páginas imortais de Chopin, Lizst, Beethoven e outros não mereceu maiores atenções dos críticos, tendo um dêles considerado-o insoso, e "conhecendo música de ouvido" classificou a interpretação dos números musicais, excelentemente interpretados, de sofrível, numa afirmação patente de sua ignorância no assunto. Depois disso...

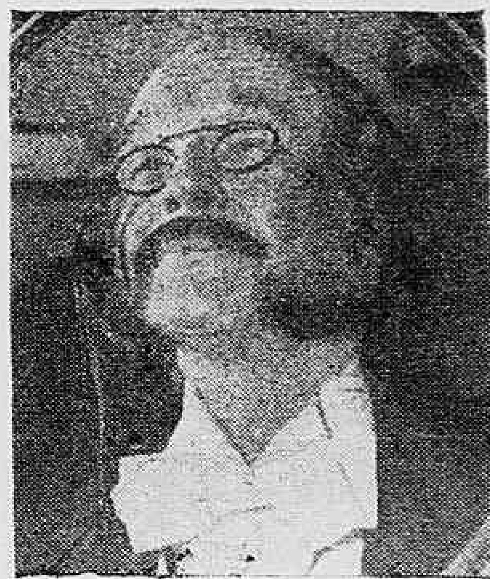
NOTICIÁRIO

INTERCAMBIO ARTÍSTICO POLONÊS — No quadro de intercâmbio cultural entre a Polônia e as democracias populares, numerosos artistas poloneses encontram-se em excursões artísticas. Alina Bolechowska, da ópera de Varsóvia, está dando recitais na Hungria. O cenarista Merunowicz e o coreógrafo Paplinski estão colaborando em Praga na preparação dos «decors» e dos bailados da ópera polonesa, «Halka» de Moniusko. Comemorando o mês da amizade germano-polonesa, a violinista Eugênia Uminska, o regente Kazimiers Wilkormirski, a violinista Wanda Wilkonvika, o pianista Z. Szymonowicz, o tenor Paprocki, e a cantora Brandowska Turska estão realizando uma «tournée» pela República Democrática Alemã. ★ DANÇAS FOLCLÓRICAS NO FESTIVAL DA GRÃ-BRETANHA - Todos os anos apresentam danças folclóricas diante de grandes audiências no Albert Hall em Londres, e os visitantes do Festival da Grã-Bretanha, êste ano, terão oportunidade de assistir a três celebrações especialmente preparadas pela Sociedade Inglêsa de Dança e Canções Folclóricas. As apresentações serão realizadas a 21, 22 e 23 de junho, delas participando inglêses, escocêses e galenses, ilhéus de Man, e irlandeses do norte. Um grupo de candidato inglês de Northumberland apresentará a dança da Espada e um grupo da Cornuália apresentará a dança «Hebby Horse»

CONCERTOS DA JUVENTUDE — Sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho a Orquestra Sinfônica Brasileira apresentou-se no Cine Rex, no primeiro de uma série de programas organizados para a juventude brasileira. Nesta audição tivemos a abertura «Eryanthe» de Weber, «Episódio Sinfônico» de Francisco Braga e «Sinfonia Fantástica» de Berlioz. Contou ainda o programa de uma série de audições a cargo da soprano lírico Dalva Fontoura de Andrade, selecionada em recente concurso promovido pela O.S.B. que interpretou os seguintes números: «Aria de Pamina» da «Flauta Mágica» de Mozart, «Aleluia» de Mozart, e «Recitativo e Aria de Lia» de «L'enfant Prodigue» de Debussy.

PRÊMIO DE MÚSICA — Norman Fulton, supervisor da música do Serviço Latino-Americano da B.B.C. de Londres vem de ser agraciado com um prêmio de 100 libras, oferecido para a melhor composição musical original para orquestra sinfônica. O trabalho premiado intitula-se «Sinfonia Pastorale» e será estreiado em Bourmemouth, por ocasião do início do Festival da Grã Bretanha, em junho próximo.

OFFENBACH



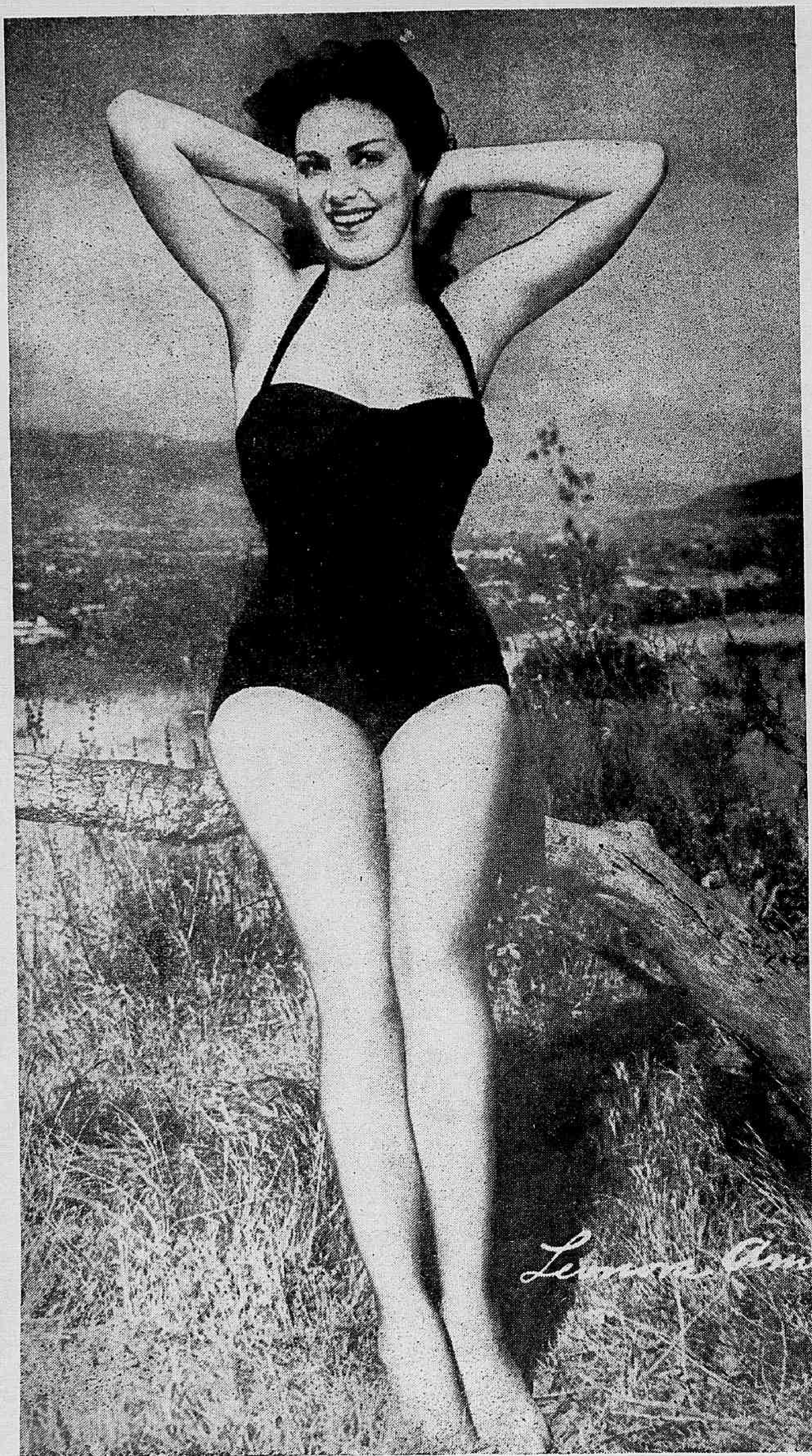
NOTÍCIAS recém - chegadas do velho continente, dão-nos conhecimento de que nada menos de dois filmes focalizando a vida do autor dos «CONTOS DE HOFFMAN» serão dados brevemente à apreciação dos amantes da boa música. O primeiro dêstes filmes é de origem inglêsa, em tecnicolor, e intitula-se «CONTOS DE HOFFMAN». Apresenta em seu elenco os nomes de dois conhecidos expoentes da arte do «ballet» inglês, Moira Shearer e Leonide Massime, a parte musical está a cargo da Royal Philarmonic Orchestra, sob a batuta de Sir Thomas Beechman. O segundo, produzido na França, focaliza os atribulados amores de Offenbach e Hortense Schneider, representados, respectivamente, por Pierre Fresnay, de quem vemos o cliché acima, uma admirvel caracterização, e Jvonne Prientemps personificando Hortense.



PATRICE WYMORE

PATRICE WYMORE tem 21 anos, cabelos acaju e uma beleza muito cara a Errol Flynn, seu atual espôso... Patrice chegou em Hollywood, viu a «marmelada», entrou na dansa, e ganhou Errol Flynn e um contrato astral na Warner. Espertinha que só vendo, começou fazendo uma pontinha apagada em «Um sonho desfeito», aquela «droga» de fita de Deanna Durbin... Mas já em «No, No, Nannette» (o título cretino dado a «Tea for two») ela compartilha bem do elenco, ao lado de Doris Day, Gordon Macrae, Gene Nelson, Eve Arden, etc. O musical dá-lhe uma oportunidade esplêndida de se mostrar à vontade... Esta filha de Kansas já vem aí em um filme mais sério, um «far-west» com seu marido no papel principal. Vá ver, daqui a pouco Patrice Wymore estará encabeçando o «cast» de uma super-produção, daquelas bem caras... O que vale ser mulher, e saber ser mulher... em Hollywood...

Pausa para meditação



LEONORA AMAR — (PELMEX)

A OPINIÃO ALHEIA

O MILAGRE DE CANNES

«(...) Vittório de Sica, que enfeixa com o «Milagre de Milão» a sua magnífica trilogia das crianças — que terminante réplica às crianças abandonadas de Buñuel!... — («Sciuscia» e «Ladrões de Bicicletas»), consagra-se neste filme como um dos maiores poetas contemporâneos e o maior poeta do cinema de todos os tempos. As crianças em suas mãos são um canto de ternura. No «Milagre de Milão» há muita fantasia e muita imaginação, sonhos de meninos ingênuos e bons que, em linguagem cinematográfica, só podiam ser resolvidos com «efeitos especiais» simples e rudimentares como foram os dos primeiros tempos do cinema. Os manes de Meliés rondam por esta grande história de crianças. O mundo não é bom — a crítica social de Vittório de Sica no «Milagre de Milão» é impiedosa, sarcástica e amarga — mas é mister que se erga contra o mundo, que não é bom, a crença dos homens, não em um «bom dia formal, mas em um bom dia que seja verdadeiramente um bom dia, como o bom dia de Totó...

(...) Ora, êste «Milagre de Milão» foi também o milagre de Cannes. Em tôrno da pomba de de Sica, que não é a pomba de Picasso nem a do rearmamento, todos os homens se juntaram — russos e norte-americanos, búlgaros e espanhois, alemães e franceses, brancos, prêtos e amarelos — em um clamor de aplausos como jamais se havia visto em um festival dêste gênero. Vittório de Sica fez aqui uma obra de criação e os aplausos que o acompanharam até à rua nos dizem também de uma grande obra de confraternização humana».

NOVAIS TEIXEIRA («O Globo»)

AINDA FALTA MUITO

«Já há diversas estações experimentais de televisão em côres, no mundo, mas devido à dificuldade de adaptação dos milhões de aparelhos existentes, acredito que só será possível o estabelecimento de uma emissôra comercial dêsse tipo, nos Estados Unidos, daqui a cinco anos no mínimo».

ZWORYSKIN, vice-presidente da R.C.A., citado numa reportagem da («Folha Carioca»).

GANANCIA

«A enxurrada de reprises de realizações nacionais nos entristece e serve como inequívoca demonstração da politicagem sórdida que campeia neste país. Não somos contra os exibidores que, afinal, antes de tudo, são comerciantes, mas contra os «lutadores do cinema» que não se cansam de fazer ofertas vantajosas num derradeiro esfôrço para angariar mais alguns cruzeiros».

ADOLFO CRUZ («A Vov Trabalhista»)

GRANDE «SUJET»

«O Brasil é um grande «sujet» cinematográfico. E Cavalcanti, que é um excelente «metteur en scene», muito experimentado em todos os segrêdos da sétima arte, não deve arredar um passo do Brasil, do «sujet» brasileiro, para mais depressa chegar ao mundo, com o seu cinema nacional. Talvez outros países, próximos do Brasil, possuam recursos técnicos superiores. Mas falta-lhes a «verve» dos brasileiros...»

Henri Magnon, crítico de «Le Monde», em entrevista («O Globo»).

PARA BOM ENTENDEDOR

"Sempre que se fala em proteger a nossa indústria de cinema, aparecem os entendidos e começam a dar palpites e sugestões, com uma autoridade e confiança que os próprios que labutam no meio não ousariam apregoar."

Pedro Lima (O Cruzeiro)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

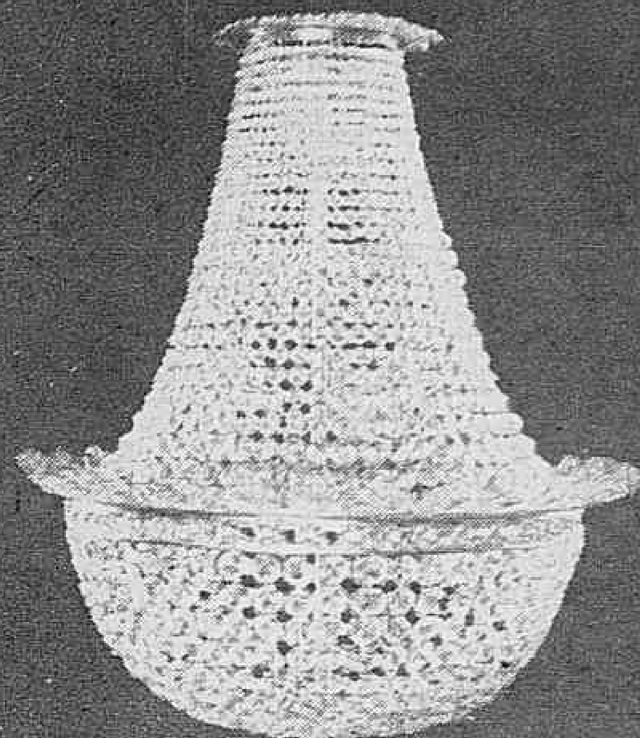
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

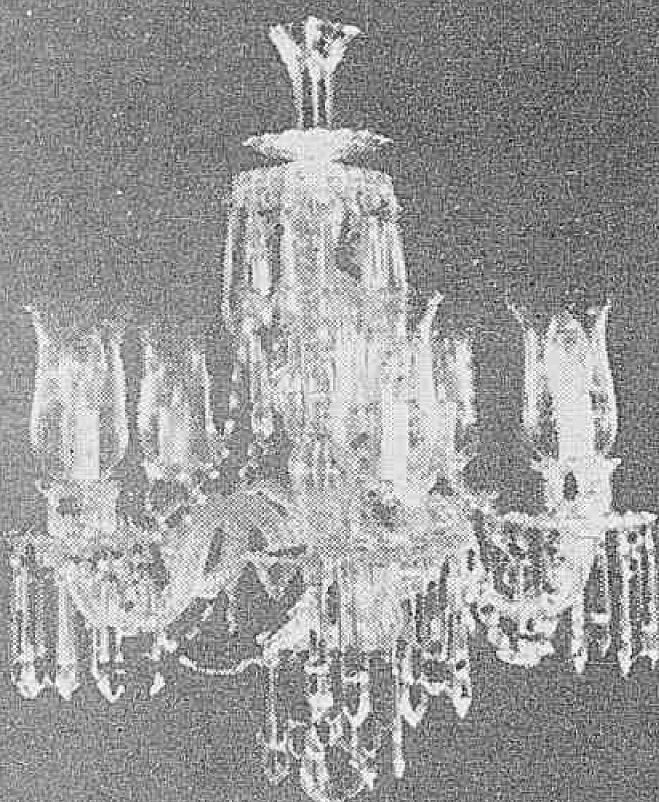
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

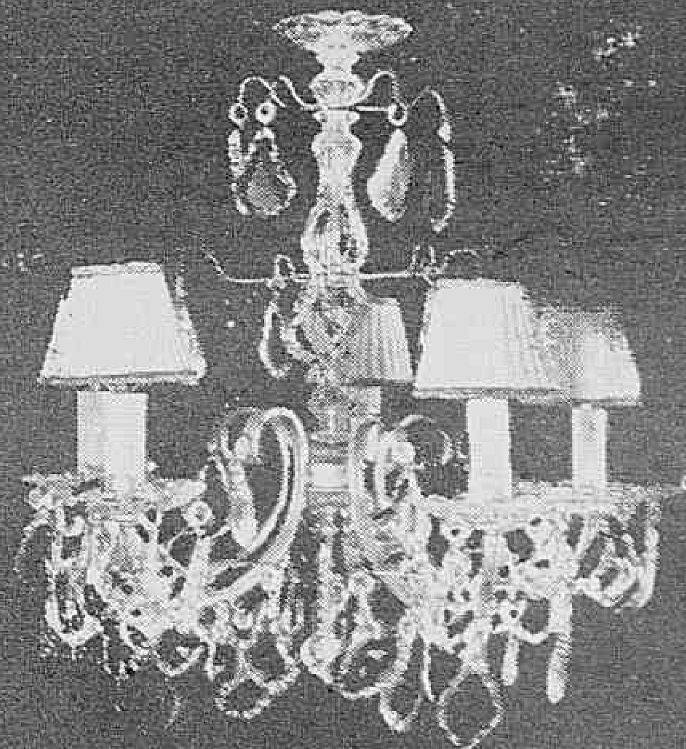

1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



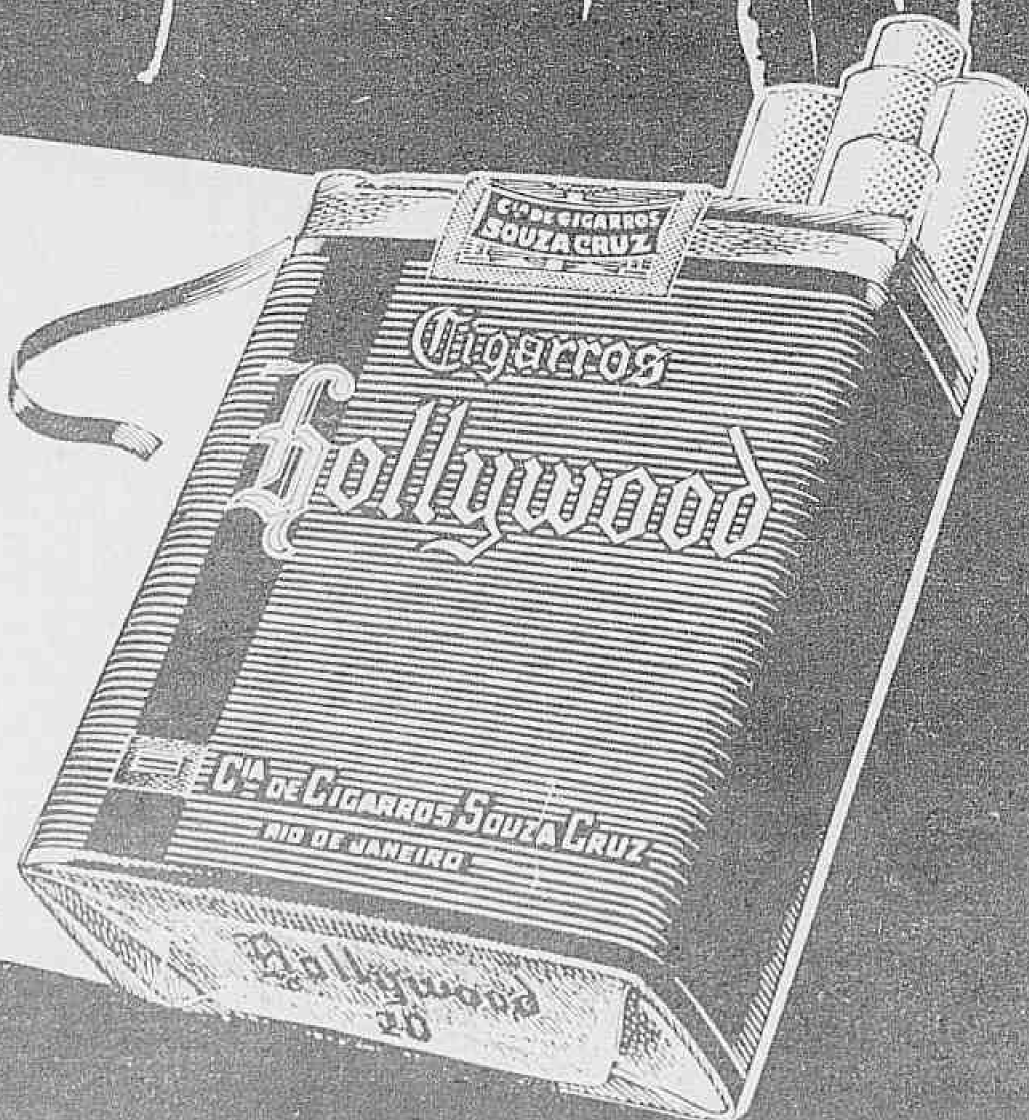


O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua hormoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



um produto SOUZA CRUZ

H-88.065